

## Reconhecimento dos rios Içána, Ayarí e Uaupés.

In: Journal de la Société des Américanistes. Tome 39, 1950. pp. 125-182.

---

Citer ce document / Cite this document :

Nimuendajú Curt. Reconhecimento dos rios Içána, Ayarí e Uaupés. In: Journal de la Société des Américanistes. Tome 39, 1950. pp. 125-182.

doi : 10.3406/jsa.1950.2385

[http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/jsa\\_0037-9174\\_1950\\_num\\_39\\_1\\_2385](http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/jsa_0037-9174_1950_num_39_1_2385)

---

# RECONHECIMENTO DOS RIOS IÇANA, AYARÍ E UAUPÉS

RELATÓRIO APRESENTADO AO SERVIÇO DE PROTEÇÃO AOS  
INDIOS DO AMAZONAS E ACRE, 1927,

POR CURT NIMUENDAJÚ.

*Nous sommes heureux d'accueillir une fois encore, dans les pages de notre Journal, une étude de Curt Nimuendajú. Ce grand ethnographe du Brésil a laissé, en mourant, de nombreux manuscrits inédits<sup>1</sup>. Celui que nous publions ci-dessous a été rédigé en 1927; alors que son auteur était attaché au Service de protection des Indiens. M. Nunes Pereira, ami de Nimuendajú, nous l'a fait parvenir par les soins de M. Alfred Métraux. Nous les remercions tous les deux sincèrement.*

*Le récit de prospection des rios Içana, Ayarí et Uaupés ne semble avoir perdu aujourd'hui ni son intérêt, ni sa nouveauté. En effet, si nous nous reportons à la bibliographie récente qu'Irving Goldman a publiée dans le 3<sup>e</sup> volume du Handbook of South American Indians, à la fin de son étude « Tribes of the Uaupés-Caqueta region » nous ne trouvons aucun travail important consacré aux tribus visitées par Nimuendajú postérieurement à sa reconnaissance de 1927. L'article même d'Irving Goldman traite principalement de la tribu Cubeo dont l'habitat est situé un peu à l'ouest de la région étudiée par Nimuendajú.*

*Le lecteur désireux de fixer géographiquement les noms de lieu et de tribu cités par l'auteur pourra se reporter à la carte que ce dernier a lui-même dressée et qui a été publiée dans le 3<sup>e</sup> volume du Handbook of South American Indians, à la page 800.*

R. d'H.

## I

### DESCRIÇÃO DA VIAGEM.

#### a) Rio Içana.

No dia 31 de março de 1927 deixei São Felipe com uma montaria e uma ubá, tripulada por seis remadores, índios de Sant'Ana. Passando pelas ilhas antepostas á boca do Rio Içana, entramos neste rio as 11 horas.

1. Voir ci-après la notice nécrologique consacrée par Alfred Métraux à Curt Nimuendajú.

Pela tarde, alcançamos o primeiro sítio de índios, uma choça nova, ainda aberta, numa grande roça na margem esquerda, em frente a um pequeno outeiro isolado, de cerca de 40 metros de altura, chamado Grilo Iuitéra. Moravam ali umas 10 pessoas, pertencentes ao clan Yauareté-Tapuya, dos Baníua do Içána. Tinham, a noite passada, celebrado um *dabacuri*; grossos bastões ôcos de ambuia que, tocados no chão, produzem um som de tambôr, com o qual marcam o compasso da dança, estavam encostados na parede, da qual pendiam diademas de penas com pendentes dorsais. Na cumieira da casa, amarrado num grosso feixe, estavam os açoites de Yuruparí com que os homens nestas se golpeiam reciprocamente, e no porto, dentro d'água, para evitar que secassem e rachassem, jaziam as flautas do Yupurutú.

Pouco depois passamos á bôca do Cubate, grande igarapé que desemboca pela margem direita e cujo nome em lingua Baré significa peixe.

Em sua margem esquerda, pouco acima da bôca, tem os Yauareté-Tapuia 3 sítios com uns 15 habitantes, navegando-se seis dias por ele chega-se ás moradas dos Hohódene que junto com alguns Yuruparí-Tapuya do Curyarí, habitam lá em três casas, em número de uns 20 talvez. Vi em São Felipe duas canôas desta gente, que tinha trazido umas tartarugas pequenas (cabeçudos). Adquirí deles alguns objetos e tomei uma prova de seu dialeto que é quasi identico ao dos Siucí-Tapuya do Içána e Ayarí.

Estes Hohódene se mudaram há tempos, da Uapuí-Cachoeira do Ayarí, de cujo o curso inferior existe uma comunicação com o Alto Cubate pelo Cururú-Igarapé, afluente da margem direita do Baixo Ayarí. Os Yuruparí-Tapuya, porém, que falam a língua Tariana, vieram do Alto Cubate pelo Yauiarí, grande afluente do Rio Uaupés pela margem esquerda, em cujo curso superior elles tambem habitam em número de uns 15.

Estes Hohódene do Alto Cubate, gosam, em São Felipe, de uma má reputação. Dizem que elles tratam o branco que o visita com grosseiria e arrogância. Por isso, já há muitos anos ninguem mais se atreveu de ir lá.

Ao pôr do sol alcançamos Yauacaná habitado por uns 10 Yauareté-Tapuya, que se mostraram extremamente reservados. Continuando o viágem na manhã seguinte encontramos logo com uma canôa tripulada por um velho e uma mocinha, habitantes do sítio Traití, acima pertencentes ao clan dos Sucuriyú-Tapuya.

No tempo da viágem de Koch Gruenberg (1903) habitava esta gente no sítio Munbaca, pouco mais abaixo. Aquele etnólogo os designou com o nome de Dérunei, sendo porém certo que eles pertencem aos Sucuriyú-Tapuya, representando talvez a primeira leva deste clan que deixou as terras do Rio Curyarí para se fixar mais abaixo.

Passando pelas casas abandonadas da Aldeia Maracayá, chegamos de tarde em Teyú, uma casa na margem direita, de 30 metros de comprimentos, bem construida e com paredes barreadas, e interiormente dividida em seis compartimentos. Encontrei ali umas 15-20 pessoas do clan Yauareté-Tapuya e mais um bando de Siucí-Tapuya do Auaré que estavam em caminho para

São Felipe para vender por lá uma carga de farinha. As 4 horas, achamos uma roça na margem direita, na bôca do Ambaíua-Igarapé. Uma meninazinha nua foi chamar o dono de nome Mariano, irmão do tucháua de Pirayauára, infelizmente ele não me quiz ceder a sua canôa que teria sido suficiente para nela transportar toda a minha bagagem. Vi no rancho dele número de pratos fundos de barro com ornamentos pintados com muito gosto e esméro.

Continuando a viagem vimos na margem esquerda o sítio Iraití já mencionado velho, e depois, numa volta rápida do rio, as casas da aldeia Pirayauára, colocadas num barranco da margem direita, junto da fóz do grande igarapé do mesmo. Pirayauára, o antigo Amanapena, conta hoje 4 casas habitadas, com paredes barreadas, uma casa de forno e um grande rancho aberto, em máu estado, paras as festas.

Os habitantes, umas 25 cabeças, são Yauareté-Tapuya, formando Pirayauára o antigo centro deste clan de onde ele se espalhou pela visinhança, especialmente pelo Içána abaixo. O tucháua Vitorino, fala um pouco de portuguez ; os outros habitantes se mostraram muito retraídos. O Pirayauára-Igarapé está desabitado.

No dia 2 de abril, viajamos quasi o dia todo sem encontrar moradores ; só vimos as cinco casas da aldeia abandonada de Mituca Ponta na margem esquerda. Só de tarde, passamos por um sítio dos Yauareté-Tapuya na bôca do Castanha-Igarapé. Pouco acima desemboca pela margem esquerda o igarapé Catidyuni. Alí, numa cachoeira criou, segundo a lenda Inyaperículi, os clans Yauareté, Yuruparí, Urubú e Arára Tapuya, as 4 divisões dos Baníua *Carutana* do Baixo Içána.

Seguiu-se Anati, outros sítios dos Yauareté-Tapuya, e ás 4 horas aportamos em Sant'Ana. O tucháua Fernandes, que fala muito pouco o portuguez, me hospedou num quarto da sua casa. Causou-me uma impressão desagradavel que não só mulheres e crianças como tambem os moços fugiam por sua parte á aproximação do *branco*. Para fazê-los correr bastava eu olhar para eles. Os proprios paes incitavam os seus filhos tal comportamento. Era uma verdadeira ostentação que eles faziam da sua desconfiança e do seu retraimento. Só mais tarde soube que esta atitude ao menos em parte, era devido ao negociante Antonio Maia, de Yutica no Rio Uaupés, o qual, subindo pelo Içána e Ayarí alguns dias antes de mim, poz todos os índios de sobreaviso que atraz dele viria um *branco*, ia tomar nota de todas as casas e os seus habitantes para estes depois serem aprisionados, tendo os moços e homens de servir no exercito, e as mulheres e meninas de trabalhar para os *brancos*. Mais adeante terei de me referir novamente a este individuo perniciosissimo, hoje constituido em autoridade policial ; fiz uma tentativa desesperada para dissipar estes preconceitos dos índios. Convidei o tucháua para o café e o almoço, distribui presentes e ostentei a maior despreocupaçáo, mas só muito lentamente as condições melhoraram, e depois de tres dias de viagem tive de reconhecer que o tempo de que dispunha não era suficiente para conquistar a confiança destes índios ao ponto deles permitirem um estudo regular da sua cultura intelectual. A eterna res-

posta deles- a única que sabiam dar em portuguez- era : *aquí não tem nada* pronunciando com tal ênfase que dava para desanimar o mais tenaz investigador. Segundo Koch Gruenberg, estes índios são chamados *Carutana* pelos seus visinhos por *porque pronunciam constantemente as palavras Karú- não, Karupakapa- não tem.*

No terceiro dia fiz uma excursão a uma colina de uns 50 metros de altura há meia hora acima de Sant'Ana e há 2 kms. da margem esquerda do rio. Um trilho conduz da margem até o cume, passando por diversas roças novas e antigas. Pouco abaixo do cume penhascoso encontra-se na fralda oriental uma gigantesca lage de pedra de 10 metros de comprimento, pousando com uma extremidade no declive do morro e com a outra sobre um enorme rochedo, ficando por baixo dela uma sala bastante grande de 3 metros de altura, completamente ao abrigo da chuva. Alguns ninhos velhos do gallo da serra estavam grudados no tecto e no chão se achava uma antiga urna funerária com ornamentos pintados na parte superior, dispersos ao redor na caverna. Ela continha um femur e mais alguns outros pedaços de óssos humanos sem vestígios de cremação e cobertos inteiramente de galerias de cupim. Os ornamentos do vaso, si bem que diferentes dos da actual ceramica dos Banúia, não o são ao ponto de sugerir dúvidas sobre a veracidade da informação do Tucháua que declarou pertencerem estas reliquias aos antepassados da sua própria nação. Sant'Ana que contava 8 casas em 1903 possui hoje 11 e uma pequena capela em bom estado de conservação. Em compensação desapareceu por completo a aldeia do Carmo, pouco mais acima, que então se compunha de 5 casas. O número dos habitantes não me pareceu proporcional ao das casas : calculo-o em 40, mais ou menos. Uma determinação mais exáta não permitiu a attitude desfavoravel dos habitantes que me fez desistir de uma visita das diversas habitações. A população principal formam os Yuruparí-Tapuya que tem o seu centro antigo nesta. Á eles se uniram depois da última epidemia de sarampo os da aldeia do Carmo e dos Arára-Tapuya, poucos sobreviventes dos Urubú-Tapuya, antigos habitantes do Alto Pirayauára-Igarapé. A 6 de abril deixei Sant'Ana, bastante desenganado, continuando a viagem rio acima numa só ubá grande, que tinha conseguido por lá. Com 4 horas de viagem passei por Iuíra-Ponta, duas casas na margem direita das quaes uma pertence a um Yauareté, uma a um Sucuriyú-Tapuya. De tarde passei em Hecoarí, sítio habitado por uma familia de Yuruparí-Tapuya. De depois de entrar num Paranámiri, onde tive de vencer uma pequena cachoeira, encostei na ponta superior da ilha Tapira-Capuana onde se levantam as tres casas da aldeia São Joaquim Miri. Os habitantes em numero de 22 pertencem ao clan dos Siucí-Tapuya e são oriundos do Rio Ayarí. Era um índio velho com quatro filhos e duas filhas notaveis pela sua semelhança familiar, caracterizada pelo nariz saliente e arco aliás frequente entre os membros deste clan, se distinguiam tambem favoravelmente dos Carutana pelo seu trato singelo e amavel.

Não se ouvia alí o rabugento « aqui não tem nada » daqueles : prontamente eles ofereceram mantimentos : galinhas, peixes, canas e jurumú.

Com todo gosto passei com eles o resto do dia. Uma das moças nora do velho era uma Tatú-Tapuya. Estes índios habitam o Alto Cuyarí e os seus contrevértentes, afluentes do Guainia, mas não pude determinar se os seus sítios se acham aquem ou além da fronteira brasileira. O seu dialeto diverge muito pouco da lingua dos Baníua do Içána.

No dia seguinte navegamos das 6 da manhã até as 4 da tarde sem encontrar um só morador. Enfim chegamos em Nazaréth, aldeia com 4 casas dos Sucuriyú-Tapuya, na margem esquerda e que conta uns 30 habitantes. Quando me dirigi para as casas, tive de vêr por toda parte mulheres apavoradas e crianças chorando e fugindo pelos fundos. Voltei para a minha ubá e mandei dizer ao tucháua Vitoriano por um dos meus remadores que eu não ia em terra porque a gente era medrosa mais do que índios Macú (uma tribo selvagem e dispresada). Isto produziu efeito. O tucháua veio em pessoa para me buscar e quando subimos juntos, mulheres e crianças, visivelmente pôr ordem especial dele, ficavam paradas á nossa passagem, si bem que o terror se achava escrito nas suas feições.

O tucháua fingiu o despreocupado e trouxe uma tartaruga para vender-me.

No dia seguinte tivemos de vencer duas cachoeiras. Passamos ainda sofrivelmente pela Ambaiua-Cachoeira, porém tivemos de descarregar a embarcação por completo. Seguimos viagem debaixo da chuva e trovoadas. Na nossa frente, atravez do véo de chuva, apreceu uma montanha macissa de uns 500 m. de altura : a Serra de Tumui. Pernoitamos em Tapira-Ponta, tres casas na margem esquerda habitadas por Siucí-Tapuya e Baníua da Venezuela, em número de 12. De prevenção mandei primeiro um dos meus remadores para terra, mas precisamente aqui mostrou-se superflua esta medida : homens, mulheres e mesmo crianças se aproximaram sem receio, estendiam-me as mãos e me deram prontamente agasalho. No dia 9 de abril, chegamos com 3 horas de viagem á Tayaçú canguéra-cachoeira, que nos deu bastante trabalho. Uma estreita lingua de pedra estende-se ali da margem direita pelo rio a dentro : a correnteza precipita-se com estrondo ao lado dela. Ao dobrarmos a ubá por esta ponta perigosa, a correnteza apertou-a contra as pedras. Todos os esforços para leval-a para deante foram debalde, e tivemos de salvar a embarcação, fazendo-a recuar para o remanso abaixo da ponta. Botamos a espia para uma pedra acima da ponta e reunimo-nos todos para puxar, com excepção de um curumim que ficou dentro da ubá.

No momento decisivo porem a espia rebentou e a ubá recuou, descendo outra vez pela cachoeira abaixo com grande velocidade. Por um triz estava tudo perdido, mas o indiosinho, fazendo esforço sobrehumano, conseguiu ainda a tempo dirigir a pesada ubá para um remanso. Fizemos uma terceira tentativa com uma nova espia, desta vez melhor sucesso.

Acima desta cachoeira, fora o Içána duas voltas apertadas, aproximando-se da Serra do Tumuí. Um degráu de espuma branca aparecê a grande distancia acima do espelho da agua : a grande cachoeira do Tumuí. Por cima, sobre uma esporão de rochedo de 30 metros de altura mostram-se as casas da aldeia. As

cinco horas e 45 minutos encostamos ao porto. Tumuí está hoje em decadência. Em 1831, encontrou Johann Natterer, aqui « os mesquinhos rastos de uma grande aldeia de Banívas ». Quando em 1857, o Capitão Joaquim Firmino por ali passou, os seus habitantes, os Acaiacas tinham queimado as casas e fugido para a mata em consequência de uma expedição militar feita pouco antes para destroçar o Messia dos Baníua, Venancio, que tinha reunido muitos discípulos entre os índios. Koch Gruenberg, em 1903, encontrou um povoado de 14 casas arranjadas em duas ruas, mas os habitantes tinham fugido para as matas por medo das depredações cometidas pelo comandante do destacamento de Cucuhy. Hoje só existem 4 casas, as quaes só uma barreada. A posição da aldeia na margem esquerda do Içána, é muito pitoresca : uma ponta escarpada de quartzito branco estende-se por 200 m. pelo rio a dentro. Na sua ponta esbravejam furiosamente os turbilhões da cachoeira e levantam-se os cacurís dos índios. No alto, á sombra de grandes mangueiras, estão as casas e no fundo se eleva uma colina conica coberta de mato, de cerca de 100 m. de altura, ao pé da qual se acha a pedreira que fornece o material para ralos de mandioca dos índios. Do alto desta colina gosa-se de uma magnifica vista : ao NE levanta-se um morro de igual altura com um despenhadeiro vertical ; para o NW se estende o grande maciço da Serra do Tumuí, coberto de mato, e mais longe ainda se levantam os penhascos da pedra de Cucuhy, na fronteira de Venezuela. Ao Oeste e ao Sul, estende-se um infinito planicie de mato, interrompido por algumas colinas escarpadas que parecem ilhas num mar.

Todas as embarcações que pretendem passar a cachoeira tem de descarregar. Para levar a carga não existe nenhum caminho pela beira, sendo preciso transportal-a atravez de ponte. Especialmente a subida do porto de baixo para a aldeia, pelo paredão de pedras acima é um verdadeiro trilho de cabras, e eu não cancei de admirar a força e destreza dos meus tripulantes, quando trepavam por estes rochedos com volumes de 70 kilos nas costas.

A tribu dos Cadaupurítana, que tinha seu centro em Tumuí e que em 1903, foi calculada em 200 almas, está hoje quasi extinta. Dos seus 30 habitantes é a maioria, inclusive o Tucháua Candido, do clan Sucuriyú-Tapuya imigrado do Cuyarí. Dos Cadaupurítana restam hoje aqui e em dois outros sítios, a penas 19 pessoas.

A recepção foi desesperadora : « Nada Aqui não tem nada. » apressou-se o tucháua Candido a declarar peremptoriamente, e para não me deixar uma ilusão qualquer repetiu estas palavras umas 4 vezes. Se bem que duas filhas dele estivessem torrando farinha á minha vista, ele se negou de me vender a menor quantia deste gênero indispensável e do qual a minha canôa estava completamente desfalcada na ocasião. A vista de tanta incivilidade dormi no porto entre os rochedos, e na manhã seguinte mandei passar cedo, carga e embarcação para alcançar quanto antes Seringa-rupitá, a vista de nos faltar o alimento mais necessario. Já estávamos carregando o ubá no porto de cima quando se aproximou uma das filhas do tucháua e procurando uma conversação comigo, perguntou porque iamos com tanta presa. Expliquei a necessidade, censurando

o tratamento recebido pelo chefe da aldeia. Sem dizer palavra alguma a cunhamucú se virou e foi-se embora : não demorou muito porém que ela voltasse em companhia do tucháua e alguns outros que trouxeram um balaio com farinha, beijús, jurumús e umas galinhas. Chegamos a um *modus vivendi*, e em consequencia disto pude demorar-me uns dias em Tumuí .

Se eu porém julgava de poder criar em ambiente alí, para os estudos que em Sant'Ana não pude fazer, muito me enganei : a desconfiança e o medo, nunca se perderam. Bastava que tomasse o rumo da casa do tucháua, onde a familia deste estava reunida para a refeição, era o bastante para todos saltassem apavorados, fugindo com as tigelas pelos fundos.

Grato pela sua intervenção, eu tinha presenteado largamente aquela filha do Tucháua, e no dia da nossa partida recebi dela de presente duas pequenas cuias muito bem ornamentadas, o único presente que recebi durante toda esta viagem de 4 meses, em retribuição das contenas de presentes que em toda parte espalhei.

Nem o tratamento mais liberal, pôde demover estes índios da mais mesquinha desconfiança, constantemente receiavam de ser logrados em cada transação que fazia. Depois de terem assistido mais de 20 casos de eu pagar com largueza, tudo que recebia, ainda exigiam com receio e inquietação, pagamento imediato se eu por qualquer motivo os deixava esperar alguns minutos. Entre si, eles eram bem diversos no tratamento, parecendo-me reinar um quasi comunismo quanto aos mantimentos.

O irmão do tucháua, que me acompanhou para Seringa-rupitá, para visitar os seus parentes, levou para estes paneiro de peixes frescos e um grosso molho de peixe seco ; destes últimos ele deu uma parte do presente aos seus remadores escondendo porém tudo cuidadosamente para que nada visse. Em Sant'Ana, os parentes dos meus remadores, por comiseração, deram-lhe em segredo, uma bôa quantia de beijús para que não padecessem fome em viagem, pois que eu os fazia passar fome eles tinham como natural. Contra este argumento revoltou-se porém a experiencia do mais novo dos meus remadores o qual, quasi ofendido, retorquiu : se eles pensassem talvez que era como os outros brancos. De fato no Rio Negro, tratei de me informar como era o costume de tratar os remadores indios em ponto de alimentação, instruíram-me que eu tratasse de arrumar o necessario para mim e deixasse os índios se arrumarem com os seus parentes como podessem.

A 13 de abril, aportamos depois de uma viagem de 3 horas em Seringa-rupitá, aldeia dos Sucuriyú-Tapuya, na margem direita, composta de 3 casas, com uns 20 habitantes.

Dois índios velhos, o tucháua Alexandre, notavel pelo seu nariz adunco, e seu irmão Marcelino, receberam-me com relativa amabilidade. Especialmente o Marcelino, tratou logo de oferecer mantimentos e mostrou-se muito loquaz : infelizmente o seu conhecimento do português era demasiadamente limitado. Tanto aqui como tambem já em Tumuí, achava-se uma parte dos índios atacada de trachoma. Para aliviar as dores, outros expremiam o suco do cipó uambé-quitanga (*Philodendron*) fazendo-o pingar nos olhos doentes.

Achei dificuldade em obter um vocabulário do dialeto dos Sucuriyú-Tapuya, Marcelino tinha ido para roça ; Alexandre tinha boa vontade mas pouco adezn-tava e uma mulher que consultamos sobre o mesmo assunto mostrou tamanho embaraço que não pode articular uma unica palavra. Koch-Gruenberg, supoz que os Sucuriyú-Tapuya fossem uma sub-divisão dos Siucí-Tapuya do Rio Cuyarí e que falassem mesmo idioma destes. A mim afirmaram tanto uns como oútros que se trata de dois clans distintos, e uma pequena diferença no dialeto sem dúvida existe. Segundo eles mesmo me informaram, era a sede primitiva dos Sucuriyú-Tapuya no Baixo Cuyarí, de onde emigraram nos ultimos decenios especialmente rio abaixo.

O dia seguinte foi objeto de insucessos. Viajamos pelo Içána acima. Morros ingremes, cobertos de mato, numa altura de 500-700 m. acompanhavam a margem esquerda deste afluente a dentro. O Içána, crescido pelas chuvas dos ultimos dias corria impetuosamente. Às 10 horas estivemos na boca do Cuyarí, onde existem 3 casas dos Sucuriyú-Tapuya. A recepção foi pessima, quando a ubá nossa encostou desapareceram todos os habitantes da aldeia, que tinham nos observado do terreiro. Mandeí primeiro subir dois índios para informar os moradores sobre a minha pessoa, mas quando eu mesmo depois me apresentei vi que isto nada tinha aproveitado : o dono da casa, com uma cara incrivelmente carrancuda e desconfiada, duplamente feia porque estava coberta de purupurú, desviou-se ostensivamente de mim e nem sequer me mandou sentar. Num canto, algumas mulheres estavam ocupadas em despejar suco de uambé-quitanga, nos seus olhos atacados de trachoma. Ninguém quiz me responder. Nada pude fazer, senão retirar-me. Tencionava eu subir o rio Cuyarí, ao menos até Yauára-Poço, sítio habitado por uns índios Baniua venezuelanos, do Rio Guainia, mas o pequeno rio tão correntoso, que desisti da empreza depois de temos perdido uma meia hora folgadamente, num trecho de 200 m.

Acima de Yauára-Poço, encontra-se ainda no rio Cuyarí a aldeia Yacú-Poço habitada por uns 15 índios Siucí-Tapuya e depois no curso superior diversos sitios dos Tatú-Tapuya, que ocupam tambem alguns logares nos afluentes da margem direita do Guainia. Voltamos e continuamos a subida pelo Rio Içána, chegando logo no sítio Yapú-Ponta.

Se bem que o número dos Sucuriyú-Tapuya que ali habitam não passe de meia duzia, encontramos por ocasião da nossa chegada umas 20 pessoas, que se tinham reunido para o enterro de um dos moradores, na vespera. A sepultura, dentro da casa á esquerda da porta, era apenas percetivel. Não notei entre os presentes nenhuma pintura de luto. Timoratamente eles se apertavam nos cantos da casa cujo dono se sentou ao meu lado, mas com os olhos cheios de terror e visivelmente embaraçado. Perguntei se ele não me queria vender um beijú, e ele correu precipitadamente para trazer o que eu tinha pedido. Tambem ali nada mais pude fazer.

Hora e meia pelo rio acima chegamos no sítio Parauarí, habitado por índios Cadaupurítana, em número de 10. Ao aproximarnos do porto do sítio vimos desprender-se da margem uma canôa com alguns índios que remavam desespe-

radamente para alcançar o sítio antes de nós. Momentos depois de eles chegados lá vimos a mesma embarcação, cheia de gente, atravessar o rio na nossa frente, procurando refugio na margem oposta. Desembarcamos a grande casa de morada que estava queimada e em logar havia construido 3 pequenos ranchos. Tudo parecia abandonado, mas quando um dos meus remadores abriu uma porta fechada, vimos dentro do rancho, tremendo de medo, uma mulher velha. Para não apavoral-a mais ainda chamei a minha gente e fui me embora.

Ao pôr do sol, chegamos ao sítio Yacaré-Ponta, uma grande casa deshabitada, em máu estado, na margem esquerda. Diademas de palhas meio apodrecidos e uma duzia de açoutes de Yuruparí, espalhados no chão, indicavam que por ultimo se tinha celebrado ainda um « dabacurí » ali.

Instalei-me na casa onde passei a Sexta-feira Santa, escrevendo. Pelas informações recebidas eu não esperava mais de encontrar habitações até acima da boca do Ayarí. Continuando a viagem na manhã seguinte encontramos logo com os habitantes de Yacaré-Ponta : em 5 canoas e uma jangada carregadas de folhas de caraná para cobrir a casa, vinham eles descendo lentamente. Era ro pessoas pertencentes ao clan Sucuriyú-Tapuya. O chefe da casa aproximou-se da nossa ubá oferecendo uns peixes moqueados para vender. Algumas horas depois avistamos dois cacurís na margem : logo devia ter algum sítio na visinhança, mas nenhum porto aparecia na margem e nem tampouco um igarapé que proximo desembocava. Já desenganados de encontrar os donos dos cacurís iamso continuar a viagem quando, virando-me casualmente, avistei uma ubá atravessando o rio, atrás de nós. Visivelmente tinhamos passado por ela sem vel-a, conservando-se os seus tripulantes propositalmente escondidos entre as moitas da beira. Esperei debalde durante algum tempo que a embarcação se aproximasse e, como parecia querer esconder-se novamente, mandei finalmente remar ao seu encontro, vi então que vinham nela, um homen, uma mulher, e uma criancinha e uma moça. A mulher respondeu prontamente ás nossas perguntas, os outros se encolhiam timidamente. Eram os Pacú-Tapuya, que tinham a sua maloca dentro do Acutí-Igarapé, que desemboca mais acima, a margem direita do Içana, vinham da roça e queriam revistar ainda os seus cacurís para depois voltar para casa. Mandeilhes explicar em lingua Baníua as minhas intensões pacificas, prometendo visital-os na sua maloca, depois de presentealos com alguns cigarros, deixei-os ainda atraz e mandei entrar no Acutí-Igarapé.

Passamos por uma rocinha, e depois de meia hora avistamos uma casa na margem direita do Igarapé. Atraz dela estava armada uma grande casa nova que estavam começando a cobrir. O dono da casa, o velho José, recebeu-nos sem receio. Os tripulantes da canôa que tinhamos deixado atraz já haviam chegado antes de nós sem termos visto eles passarem. Estes índios são os últimos sobreviventes do clan Payoaliene (Pacú-Tapuya), os Payoarine de H. Schedt segundo o qual habitavam pelo ano de 1908 em 3 malocas no Arára-Paraná, no Alto Içana. Ultimamente estiveram na Bóia-Cachoeira, onde ficaram reduzidos a este resto. Eram 5 homens, 5 mulheres e 3 crianças. As tres mulheres

casadas, eram do clan Ipoca-Tapuya, ao qual também um moço pertencia. Uma das moças menstruada pela primeira vez há poucos dias, achava-se reclusa num quartinho triangular de 3,50 m. base, formado por uma parede de palha num canto de casa, uma abertura de mais de meio metro de altura na parede da casa formava a porta deste quartinho que ela fechava com uma esteira pelo lado de dentro á boca da noite. Ela não aparecia, mas ria-se gostosamente quando tomei meus apontamentos linguisticos e se intrometia na nossa conversação. José ofereceu chibé a nós todos e mandou imediatamente fazer uns beijús ; também ofereceu peixe para vender. Quando porém quiz adquerir dois bonitos maracás enfeitados de penas, ele se negou decididamente e quasi indignado, e um dos meus remadores depois me disse que ele achava bom eu não ter insistido em querer levar os maracás « por causa do trovão ».

Á tarde do dia seguinte da minha viagem ouvi com muita surpresa minha um chamado da margem esquerda. Um índio velho, um daqueles pouco sobreviventes dos Cadaupurítana estava em pé numa roca, convidando-me a vir para a sua casa, dali há meia hora para o centro, na margem do Maxiua-Igarapé. Foi a única vez em toda esta viagem que recebi semelhante convite. Cheguei lá molhado até os ossos pela chuva torrencial que começava a desabar, continuando pela noite toda, de maneira, que ninguém pôde dormir naquela casinha esburacada. Só tres pessoas habitavam ali : o velho Joaquim, sua mulher, uma Hohódene, e sua filha. Ele tinha um bom número de ralos fabricados para a venda e contrario á maioria dos outros índios, mostrou muito empenho em fazer negocios comigo, esquadrinhando toda a casa para encontrar o que oferecer a mim. E quando eu enfim comprei alguma farinha ele me logrou a valer na medida, aproveitando-se da minha distração. Nos dois dias seguintes da viagem não encontramos nenhuma habitação. Já desde a boca do Cuyarí o Içána entra, debaixo de voltas fantasticas, numa zona de vastos igapós onde muitas vezes se torna difícil encontrar nas suas margens alagadas logarzinho para fazer uma fogueira. No dia 18, pernoitamos na boca do lago Uétan, onde ainda ás 8 da noite tivemos de suportar uma violenta trovoava, procurando depois repouso abaixo das arvores gotejantes. No dia seguinte, pelo meio dia passamos Yuí-Iuitéra, uma ladeira íngreme e arenosa de uns 15 m. de altura, que em dois logares, acima e abaixo de um volta, encostava na beira do rio. Lá em cima era a antiga habitação dos Cadaupurítana, antes de eles se aldearem em Tumuí. Disseram-me os índios que, correndo-se a toda pressa pela ladeira, acima até á beira do mato e trazendo de lá uma vara, fincando-se esta no chão na beira do rio ouve-se o canto do grilo e outros ruidos como se ainda estivesse lá uma povoação. No nosso acampamento um dos remadores matou um gavião grande (*Spizsetus Tyrannus* Wied) que tinha nas garras outro gavião menor (*Micrastus gilvicollis* Viell) do qual ele já tinha devorado a cabeça. Fraternalmente unidos foram ambos para a nossa panela. No dia seguinte a paisagem era ainda a mesma : voltas incriveis, margens alagadiças com caranazaes e jauarrízaes e bocas de lagos. As 9 horas passamos a boca do Ayarí, que pouco menor que o Içána, e com pouca correnteza, vem do Sudoeste.

As 11 horas apareceu finalmente outra vez terra alta na margem esquerda : a barreira branca dos Uacúrupitá, e depois de uma enorme volta, aportamos, a 1 hora, na malóca Pupunya-rupitá, uma única casa grande, com 40 habitantes, do clan Hohódene. Esta malóca era inteiramente diferente das casas para uma família dos índios do Baixo Içána. Era um quadrado de 13,50 m. virando o seu oitão de 8 metros de altura para o rio. As paredes, com excepção do triângulo do oitão, estavam barreadas. Como as paredes lateraes só tivessem a altura de 1 m., a beira da cobertura de palha quasi dava até no chão. Tres pares de carreiras de esteios, diminuindo em grossura do meio para os lados carregavam os caibros, unidos em cima por uma cumieira fina sem nenhum suporte. O espaço entre as duas carreiras interiores estava livre. Entre as carreiras interiores e as medianas estavam as coisas de uso comum : banco de varas, coxos para cachirí, o forno, a armação para os tipitís. Entre as carreiras medianas e as exteriores estavam as fogueiras com trempes de barro, as redes e acima destas em geram um girau para objetos de uso particular de cada familia. O comportamento relativamente desembaraçado dos habitantes contrastava agradavelmente com o modo ostensivo dos índios do Baixo Içána. Ninguem fugiu ou se desviou : os homens, individuos fortes, carnudos, com feições mansas e afaveis, vestidos só com calças ou tanguinhas de pano, me cumprimentavam : as crianças se riam alegremente e as mulheres não interromperam os seus afazeres. Logo os homens tambem continuaram nos trabalhos só os interrompendo para responder-nos com calma e amabilidade ou para propor-nos algum negocio de troca. Estavam ocupados com os preparativos para uma grande festa que devia se realizar nestes dias, mas não estava ainda bem determinado, quando nem onde. Fabricavam umas enormes « buzinas de surubí » enquanto uma mulher, em uma panela grande cozinhava a tinta de carayurú, para a pintura do corpo. Um outra faz beijús, uma terceira preparava a comida. Sómente os meninos brincavam pelo meio dos outros ou andavam pela capoeira, ao redor da maloca, para caçar passarinhos com a carauatána. Alguns traziam na cara, ornamentos de tinta de carayurú, cuidadosamente executados. Sem dificuldade eles se agruparam deante da maloca para eu fotografal-os.

Cahiu a noite, e os homens resolveram uns ensaios com os seus novos instrumentos de musica, dançando no terreiro dois pares deles com as suas flautas de surubí e de yapurutú. Mulheres e crianças se aproximaram do espetaculo ficando todos muito alegres, rindo-se e falando em vozes altas sem distincção. Ninguem ligava importância á nossa presença. Depois das minhas experiências no Baixo Içána este quadro me confortou deveras. No dia seguinte, fomos embora de madrugada. A paisagem tinha perdido o seu carater de igapó, sendo as margens muitas vezes formadas pela terra firme.

Rochedos apareciam no leito do rio, cujo curso, em vez das voltas fantasticas, só descreveria curvas de raios grandes, suavemente onduladas. Passamos a boca do Paumarí-Igarapé, na margem esquerda. Neste afluente, a pouca distancia do Içána, acha-se o sitio do mesmo clan com 15 pessoas. Antes do meio dia encostamos, nas lages da Yandú-Cachoeira. Na margem esquerda

levantam-se 4 casas, 3 barreadas e uma com paredes de palha : a aldeia Ehipana dos Ira-Tapuya. Contei uns 15 habitantes. Uma outra aldeia do mesmo clan acha-se ha dois dias de viagem pelo Içána acima, na Aracú-Cachoeira, e entre uma e outra existe a aldeia Tucandira dos Acutí-Tapuya. Dali para cima começam os sítios dos Ipaca-Tapuya. Acima destes habitavam dantes os Pacú-Tapuyas, cujos últimos restos eu encontrara no Acutí-Igarapé ; depois seguem-se os Tapiíra-Tapuya, e, finalmente já nas cabeceiras do Içána, e dantes também no seu contravertente, os Papanáuaos Cuatí-Tapuya. Todo o curso do Içána, acima da Yandú-Cachoeira, é considerado como pertencente á Colombia. Ao chegar só encontramos uma familia em casa ; o tucháua Casemiro e os outros chegaram mais tarde na roça. Sem eu pedir, mandou ele imediatamente desocupar uma das casas para mim e mostrou-se quanto não muito afavel, ao menos atencioso. Achei também estes Ira-Tapuya nem de longe tão retraídos e medrosos como os moradores do Baixo Içána, e quando á noite tomei um vocabulario do seu dialeto, mulheres e crianças se agruparam sem resceio ao redor da mesa improvisada para comentar a minha pessoa, a bagagem e o meu trabalho. Uma moça trazia os cabelos cortados rente, em signal de que tinha ha pouco alcançado a puberdade. Ela trabalhava sempre mais do que as outras, fazendo farinha até alta noite, carregando agua, peneirando o cachirí, etc.

Nas lages de pedra, imediatamente abaixo das casas, existem numerosos petroglyphos, em parte já muito depositos pelo tempo, os índios pões-os em relação com o culto do Yuruparí. Na parte superior da lage vi 5 compridas figuras humanas alinhadas, as mãos levantadas e ornadas com 1-3 colares. Mais abaixo existem espiraes, um peixe, uma pequena figura humana e, em parte já lavada pelas aguas da cachoeira, as figuras pequenas de dois homens e de um passaro (garça). O porto de baixo da Yandú-Cachoeira é máu por ser por demais exposto ao embate das ondas da cachoeira. A nossa ubá dançava de continuo sobre as ondas, e, de noite, cortando a corda com que estava amarrada, soltou-se descendo o rio abaixo, felizmente sem bater em pedra alguma. O índio que nela dormia de guarda salvou-a á tempo, dirigindo-a para o remanso. A praga dos piuns, era quasi insuportavel, especialmente nas lages do porto. Sómente pelo meio dia do terceiro dia, depois da nossa chegada, voltamos de Yandú-Cachoeira descendo outra vez pelo Içána em procura de boca do Ayarí. Pouco antes da nossa partida, chegou alí toda a população da aldeia Pupúnha-rupitá. Com canôas e bagagens, mulheres e crianças, cachorros e galinhas, iam os Hohódene agora rio acima para a aldeia Tucandira, onde se ia realizar a grande festa que eles estavam preparando, quando passei de subida em Pupúnharupitá. Dois homens carregavam um enorme pote de cachirí, amarrado numa vara sobre as pedras da cachoeira, um outro gemia debaixo de um uaturá quasi da altura de um homem, cheio do moqueado. Entre as suas armas vi duas compridas lanças com ponta de ferro que eles usam na caça aos porcos e as antas.

Outra vez regozizei-me com o trato ingenuo e natural destes Hohódenes,

deixando neste ponto atrás ainda os moradores da Yandú-Cachoeira. Os dois chefes, nós e pintados de carayurú, almoçaram comigo desembaraçadamente. Depois despedimo-nos, continuando eles a subida e descendo nós em rumo do Ayarí.

b) *Rio Ayarí.*

Uma viagem desagradável : a chuva descia torrencialmente, açoitada pela tempestade. O meu remador mais moço, ardendo em febre, se agasalhou como pôde debaixo da tolda, já abarrotada de bagagem e coleções etnográficas, enquanto eu, fóra, defendia desesperadamente a bussula, o relógio e a caderneta, contra a chuva. As 4 horas entramos no rio Ayarí e as cinco e meia encostamos numa casa velha e abandonada no Tapiíra-Paraná-mirí, braço lateral do Ayarí.

Na manhã seguinte passamos cêdo á boca do Querari, afluente grande do Ayarí pela margem esquerda e que corre paralelo ao Içana. No tempo da visita de Koch Gruenberg (1903) estava ele inhabitado. Hoje retirou-se para lá grande parte dos Siucí-Tapuya, que nele possuem 4 sítios com uns 50 habitantes, achando-se o primeiro a quasi um dia de viagem da boca, e o último na confrontação da Aracú-Cachoeira do Rio Içana á qual está ligada por um caminho terrestre. Pouco acima avista-se na mesma margem esquerda a tapéra Loiro-Poço, e ás 5 horas da tarde entramos num afluente da margem esquerda, o Cará-Igarapé, onde pensavamos de passar a noite numa maloca dos Hohódenes que alí existe, ha pouca distancia do Ayarí. Infelizmente encontramos a passagem obstruída por uma grande arvore cuja remoção nos teria custado horas de trabalho. Voltamos, pois ao Ayarí para passarmos a noite debaixo de chuva na boca de um igarapé pouco acima. O estranho é que já Koch Gruenberg encontrou alí a passagem propositalmente obstruída. Pela manhã seguinte, chegamos ao Miriti-Igarapé, afluente da margem direita do Ayarí. Perto da sua boca havia em 1903 uma maloca dos Hohódenes, hoje tapéra. As informações dos meus remadores sobre os habitantes deste igarapé se contradiziam : de facto, nenhum deles ainda tinha estado com eles. Subimos pelo igarapé, e já depois de 3 horas de viagem avistamos a maloca Taracué habitada por 15 pessoas, do clan Hohódene. Receberam-nos bem e sem receio algum. Umás cunhamucús, nedias e vivas, a cara vermelha de carayurú, sobretudo, se alegravam com a nossa chegada. O dono da maloca, um índio ainda moço, me disse então que eu era o primeiro branco que entrou neste afluente do Ayarí. A construção da maloca era em tudo igual áquela de Pupúnya-rupitá ; a casa só era menor e as paredes, em vez de barreadas, estavam tapadas por um tecido de folhas de palmeira.

A nossa farinha e o beijú tinham se acabado, até a ultima migalha, mas prontamente, as cunhamucús, risonhas, se puzeram a fazer para nós o que faltava, e o dono da casa tirou uns peixes do girau e foi buscar cana na roça. A estadia entre esta gente tornou-se bastante amena e agradável. O dono da casa contou como, quando era curumi, Koch Gruenberg esteve entre os Siucí-Tapuya

e Hohódene, tomando parte nas suas festas e bebendo cachiri com eles. Farinha e beijús não ficaram prontos até a manhã seguinte, e como chovesse até meio dia, resolvi adiar a viagem por um dia, aproveitando a demora para visitar a maloca Paxiíua, a duas horas de viagem acima da Taracuá. Em meio caminho para lá encontramos com uma familia de índios Uanána do Uaupés, que tinham feito uma viagem em visita aos Hohódenes, voltando agora para a sua aldeia de Carurú, pelo Ayarí. Em Paxiíua achei só duas pessoas em casa, uma moça de 17 anos e uma menina de 10, que naturalmente se assustaram um pouco quando nós aparecemos de repente. Um pequeno presente porém conquistou a sua confiança e eles me venderam um balaio bonito e um prato pintado. Os homens tinham ido á pesca. Quando deixei a maloca o mais novo e mais confiante dos meus remadores, o curumi João, não pôde se conter dizendo-me que estranhava muito que eu não tivesse carregado nem o grande paneiro cheio de farinha que estava em cima do girau da maloca e nem tão pouco a cunhamucú, como qualquer outro branco em meu logar teria feito sem dúvida : mal tinhamos chegado em Taracuá, de volta, quando veio atraz de nós, a toda pressa a moça de Paxiíua com seu irmão, que já tinha voltado da pesca e que queria conhecer-me, trazendo alguns peixes que eles desejavam trocar por sal. Graças a tantas visitas, a tarde em Taracuá esteve bastante animada, e o terreiro echoava das gargalhadas alegres das cunhamucús. Desisti de uma visita á terceira maloca de Mirití-Igarapé, de nome Carará, habitada por 8 pessoas tambem Hohódene. A cachoeira deste igarapé aproxima-se muito áquela do Rio Cubate. A comunicação entre estes e o Ayarí, não se faz porém pelo Miriti-Cachoeira, mas pelo Cururú-Igarapé, que desemboca pouco abaixo daquele, por um caminho por terra que dá nas margens do Cubate, muito acima dos sítios que os Hohódene e Yuruparí-Tapuya lá possuem. Nesta noite parece que se passaram coisas estranhas no acampamento dos meus remadores, e quem estes, juntos com as guapas cunhamucús da maloca souberam aproveitar mais rasovelmente o tempo do que eu que, instalado na casa do formo, escrevi e desenhei até meia noite. Pelo menos quando ás tres e meia da madrugada partimos desta maloca hospitaleira compareceu a moçarada toda no porto, agarrando-se e correndo com os meus rapazes e atirando com barro molhado atraz de nós, que íamos saindo do porto de baixo de gritos e gargalhadas.

Custamos a encontrar um sítio neste dia. De tarde chovia torrencialmente como de costume. No meio do mais forte temporal passou por nós descendo pela outra margem do rio, uma canôa com 8 índios do Uaupés, que iam visitar os seus conhecidos no Ayarí. Ninguem estava disposto de lhes dar fala nestas condições. Entrámos no Uirá-uaçu-Igarapé, grande afluente da margem esquerda do Ayarí, onde logo demos com dois índios que estavam pescando e que nos conduziram até a última habitação hoje alí existente, uma casa velha rodeada de igapó por 3 lados. Passando por cima de troncos de arvore deitados na lama fomos até lá onde felizmente deram agasalho á nós todos, pois o porto era um horrendo buraco de lama. Os moradores pertencem ao clan do Cáua-Tapuya. No dia seguinte encontramos outra maloca dos Cáua-Tapuya,

na boca do Iuíra-Igarapé e poucos minutos mais acima uma terceirana boca do Murutinga-Igarapé. Todas as tres juntas porém não tem mais do que 25 habitantes e todas as tres eram igualmente pobres e decadentes. Na maloca Murutinga, encontramos o pagé dos Hohódene de Taracué, com 7 dos seus, em duas ubás que estavam voltando para a sua maloca. Este pagé tinha, ao que parecia com máu resultado, tratado de um caso de mordedura de jararaca, perto de Cururú-Poço, aldeia dos Siucí-Tapuya. Não demorou muito que encontrassemos pescadores desta maloca, onde chegamos ás duas e meia. Ela tem uma bonita posição, numa ponta de terra firme na margem direita do Ayarí, defronte á boca de um lago. A única casa que forma o sítio era a maior que até então eu tinha visto no Içana e Ayarí.

Subí e entrei : num canto da maloca, atraz de um japá levantado, jazia na rede, o velho tucháua Mandú, o amigo do finado Koch Gruenberg agora completamente paralitico, ao ponto de nem poder se sentar sem apoio e, além disto, atacado de malaria. Dos seus tres guapos filhos o mais moço não se afastava do seu lado, agindo conforme as resoluções do velho e sem dar uma palavra.

Estranhamente contrastado a inteligencia e a vivacidade daquele ancião com a sua extrema decadencia fisica. Ele fala a lingua portugûza muito mal, melhor porém que qualquer índio do Içana ou Ayarí. Solicitamente ofereceu ele logo mantimentos, muito mais que eu podia comprar, mostrando muita pressa em estabelecer um comercio comigo. Qualquer permuta de generos dos habitantes da maloca ia por seu intermedio. Ele mesmo fazia os preços e recebia o pagamento. A sua decisão era aceitar condicionalmente. Estes negocios cançavam-o visivelmente, e assim que se estabeleciam alguma pausa ele se deixava cair na rede e, encolhendo-se todo, fechava os olhos. Este decrepito velho foi o único verdadeiro chefe que encontrei entre os índios daquela região. Ele estava inteiramente de acordo que eu devia fotografá-lo fazendo-se carregar nas costas de sua mulher para fora da maloca onde o sentara num banquinho apoiado na sua lança.

O numero dos habitantes da maloca Cururú-Poço é 25 : eles são Siucí-Tapuya. Um outro sítio do mesmo clan encontramos logo no dia seguinte, pouco acima da margem esquerda, acima do Mitú-Igarapé, onde contei 7 habitantes e pelo meio dia, depois de passar a correntosa Araripirá-Cachoeira, chegamos pouco acima dela a uma outra maloca grande com 12 habitantes, que se achavam quasi todos ausentes numa roça na margem do Araripirá-Igarapé. Encontrei ali uma bôa panelada de içás (tanajuras) torradas com sal. Sobre um enorme formigueiro perto da maloca estava construido numa altura de meio metro acima do chão um girau de varas. Assim que as içás começaram a voar os índios, sentados em cima do girau a salvo das mandibulas das formigas que enxameavam no solo, cataram-as, juntando a presa em panelas. Tais giraus vi depois muitas vezes ainda sobre os ninhos de sauva perto das aldeias destes índios.

O 1. de Maio trouxe-nos primeiro mais um sítio dos Siucí-Tapuya com dez habitantes : Inambú-Ponta, na margen esquerda. Chuva forte e correnteza

violenta do rio, que cresceu subitamente, dificultaram-nos bastante a viagem, e davamos graças quando já pelas 6 horas chegamos a 2 casas meio arruinadas, aldeia Capi-Ponta, dos Cáua-Tapuya, que alí habitavam em numero de uns 20. Eles se mostraram pouco amaveis para conosco, e as suas moradas eram tão pequenas e más que tivemos de pernoitar ao relento apesar da ameaça de chuva.

Recomeçamos na manhã seguinte a luta contra a chuva e a correnteza, chegando ainda cêdo á grande Uapuí-Cachoeira. A maloca dos Hohódene, medindo 19 metros de frente estava quasi sem moradores. Só uma familia estava presente das 15 pessôas que regularmente alí habitam. O dono da casa tinha « passear » para a Venezuela, pelo rio Cuyarí. Tanto como soube motivou este passeio o medo que ele tinha dos brancos em Yutica, do negociante Antonio Maia e seus sequazes. Em seu logar recebeu-me o Capitão Felicio, chefe dos Uanána do Yutica, no Rio Uaupés, um índio inteligente que me tratou com solicita amabilidade, ajudando-me prontamente em todos os meus negocios com a gente do logar.

A Uapuí-Cachoeira obrigou-nos a descarregar completamente a ubá. A carga passou por terra, a embarcação puxou-se sem incidente na espia pela cachoeira. No porto de cima encontram-se diversos petroglyphos, cobertos agora pela agua, na sua maioria. Esta cachoeira é tida como logar da origem dos clans dos Baniua que, segundo a lenda, sahiram de uma caverna numa pedra no meio do rio. De tarde andei um pedaço no caminho que liga Uapuí-Cachoeira á Cururú-Cachoeira, aldeia dos Uanána na margem do Uaupés onde se chega em cinco horas e meia de marcha forçada. Ha 3 km. da Uapuí encontrei, na margem do Uirá-uaçú-Igarapé as plantações dos índios ; depois a escuridão que obrigou a voltar. Subitamente, como ele tinha crescido, abaixo o Ayarí outra vez, de maneira que no dia seguinte fizemos uma viagem melhor. As 9 horas mandei entrar no Uaraná-Igarapé, afluente quasi do mesmo tamanho do Ayarí em cuja margem esquerda ele desemboca. Nos tempos de Koch-Gruenberg estava ele habitado pelos Cáua-Tapuya. Eu encontrei primeiro ainda um sítio dos Siucí-Tapuya, habitado por aquela fração deste clan, que nos tempos do citado viajante estava localizado na boca do Pamari-Igarapé, afluente do Içána, acima do Ayarí. Vimos primeiro 4 casinhas na margem onde encontramos uma mulher que parecia muda e uma menina de 12 anos, esperta e faladeira, que nos ensinou que os outros índios estavam mais acima construindo a sua nova maloca, junto da Ucuquí-Cachoeira, onde nós lhe fizemos uma curta visita.

Continuando a viagem pelo Uaraná-Igarapé acima, vimo-nos de repente diante de uma cachoeira tão forte e perigosa como nunca teria presumido num riosinho daquele tamanho. Teria sido preciso descarregar completamente a ubá para passal-a por este obstaculo que tem o nome de Uacaricuára-Cachoeira. Felizmente encontramos uma canôa abandonada acima da cachoeira, deixando guardas na minha ubá, fui com o resto de minha gente, nela, igarapé acima. Pouco acima, junto da pequena Carayurú-Cachoeira está a maloca dos Hohódene com 15 habitantes Outra maloca maior do mesmo clan está colocada

mais acima ainda e conta 20 pessoas. Completamente molhado pela forte chuva, entramos. Receberam-nos como índios. Uma mulher serviu-nos imediatamente de beijús e quinhapíra ; no meio da refeição ofereceram duas vezes cuias com chibé. Nesse intervalo chegaram também os Siucí-Tapuya, de baixo, que trocaram com o dono da casa longos discursos de saudações a moda de ladainhas. Começaram depois as libações de cachirí. A bebida estava dentro de um grande coxo, mas era pouca como nos avisaram com pesar. O dono da casa um velho gordo, pintado de carayurú, mostrou-se incansável, andando com cuia cheia de um para outro lado, servindo mesmo os curumis, e começando imediatamente outra vez no primeiro quando tinha servido o último. A maioria dos homens estavam pintados no rosto com carayurú, duas cunhamucús porém estavam dos cabelos aos pés enegrecidos de tinta de ginipapo. Um moço gordo e metido a janota, filho do chefe da maloca Seringa-Cachoeira, andava acima e abaixo vaidosamente, ostentando o seu enorme enfeite peitoral, composto de triangulos de prata reluzentes, e cuidadosa pintura no seu rosto e o feixe de folhas aromaticas, metido no cordão da cintura. Ao cair da noite dois moços afinaram as suas flautas de yapurutú e começaram a tocar. Depois lançaram mão de duas ocariuas feitas de craneos de veado e, segurando-se pelos hombros saltavam para frente, levantando alternativamente uma e outra perna e soprando a cada salto : Haáu. — Haáu. Depois pulavam para traz com rapidez, soprando hu ! — hu ! — Hu ! — hu !

Este jogo de pulos eles repetiam diversas vezes. Em seguida, outros moços começaram a dança com o carriço (flauta de Pan), divertimento da mocidade de ambos os sexos, tanto aqui como no Uaupés. Pondo uma mão no ombro do parceiro e levando a flauta na outra começaram eles a marchar em compasso de 2/2, batendo fortemente o pé direito pelo espaço central da maloca, avançando contra o grupo das mulheres e moças que lá estavam sentadas, e recuando. De repente mudaram o compasso de dua dança para 4/4 ; imediatamente as duas moças pintadas de preto se levantaram tomando cada uma um dos tocadores pelo braço. começaram a correr junto com eles conservando-se sempre um pouco atrás do tocador. O compasso da dança aumentava cada vez mais em rapidez.

Continuamente era o cachirí servido a todos os presentes. Quando o índio velho finalmente ficou cansado ele entregou o cargo a um dos seus genros, fazendo-se servir também abundantemente. Ao lado outros se ocupavam de assuntos muito diversos : um recitou monotonamente palavras magicas sobre um companheiro que estava atacado de malaria. Dois outros sentaram-se, tristes e cabisbaixos um em frente do outro, gemendo lamentações funebres pela morte de uma mulher que tinha sido de um e a esposa do outro. Apesar de ser cachirí « pouco », estavam tanto os índios como as índias, até a meia noite, regularmente bêbados o que se manifestava pelo enfraquecimento dos dançadores e o aumento das cantigas até que finalmente, lá pelas 3 horas da madrugada, o último cantor tinha adormecido na sua rede. Pontualmente as 5 horas todas já foram outra vez ao rio tomar banho. Desisti de uma visita a

Seringa-Cachoeira, última maloca dos Hohódene no Uaraná-Igarapé, e voltando a nossa ubá que tinha ficado na Uacaruará-Cachoeira, embarcamos todos e voltamos ao Ayarí. Passamos pouco depois a divisa entre a lingua Baníua que se estende por todo o Içána e o Ayarí até este ponto, pois a primeira maloca dali para cima Muçu-Itapéua já pertencente ao dominio da lingua Cobéua. Nesta maloca que se levanta a margem esquerda e conta uns 12 habitantes do clan Yiboia-Tapuya, fomos regularmente mal recebidos, á maneira de certos Baníuas do Baixo Içána. Apesar de eles terem no girau dois grossos panacús cheios de peixes moqueados, nada queriam vender. O dono da casa nem se quer me cumprimentou fazendo que não me via. Resolvi tratá-lo da mesma forma. Finalmente ele me mandou oferecer alguns moqueados beijús e farinha. A boca da noite aproximaram-se dois bonitos moços timidamente ao nosso acampamento. Conduziu-os pela mão para o meio de nós, ofereci-lhes um cigarro e combinei com eles uma viagem ás malocas dos Yiboia-Tapuya, situadas no Alto Ayarí, acima da Yacaré-Cachoeira.

Demoramo-nos o dia seguinte em Macú-Itapéua. Capitão Felicio chegou tambem, cumprimentou-me e seguiu para Yutica depois de pouca demora. Parece-me que ele deu aos índios da maloca alguns esclarecimentos sobre minha pessoa, pois deste momento em diante trataram-me sensivelmente melhor. De tarde chegaram tres índios Uanána, pintados de carayarú, que tinham vindo por terra do Rio Uaupés por um caminho que entra defronte a Mucú-Itapéua, e vem sair na Tapiíra-Yuráu-Cachoeira, pouco acima de Carurú. Joaquim e Chico, os dois índios moços Yiboia-Tapuya, logo nos alcançaram em sua ubá, quando seguimos viagem pela manhã seguinte. A Yuruparí-Cachoeira onde é necessario descarregar a canôa causou-nos uma demora de uma hora. Nas pedras da margem direita existem alí alguns petroglyphos. Pouco acima encontramos com uma familia de índios, cinco pessoas em duas ubás. Chamei-os e pedi ao chefe informações sobre a sua morada e o clan a que pertencia. Respondendo-me ele porém com manifestas mentiras e risadas descaradas, repreendi-o e fui-me-embora.

Outros mais tarde me informaram que ele mora num afluente da margem esquerda, Pinima-Igarapé e que era um « Yauára-Tapuya ». Logo adiante topamos com um pescador solitario em sua ubá : era um índio Uanána de Yutica, no rio Uaupés, que se tinha mudado para o Ayarí. Tremia de medo quando lhe dirigi a palavra ; falei a ele, alentando, dei-lhe um pequeno presente e pedi que me mostrasse o seu sítio, no que ele consentiu imediatamente, entramos primeiro numa pequena enseada, o Cubíulago e caminhamos depois meio kilometro pelo mato para chegar na casa do Uanána, habitada só por ele, sua mulher, seu irmão e quatro filhos. Ele se tinha mudado para o Ayarí, para que sua mulher que era Yiboia-Tapuya, estivesse mais perto dos parentes dela. Pouco mais acima está na margem direita outro sítio do mesmo clan habitado por uma velha, com seus filhos, dois bonitos moços.

Ás quatro e meia chegamos no lugar onde desemboca o caminho que liga por terra a aldeia de Yutica ao Ayarí ; o sítio está desabitado. Deste ponto

os meus remadores deviam transportar a minha bagagem para Yutica, voltando depois a São Felipe pelo Ayarí e Içána abaixo. Enquanto eles fazias este transporte por terra eu ia com dois Tapuya visitar as malocas do Alto Ayarí para depois atravessar também para Yutica. Mandei, portanto, desembarcar imediatamente toda a carga e passei a noite escrevendo cartas e tomando um vocabulário do dialeto dos Yiboya-Tapuya.

Cedo pela manhã seguinte continuei a subida pelo Ayarí com os dois Yiboya-Tapuya e meu curumi João. Com pouco chegamos na Yacaré-Cachoeira, cujo o bramido tínhamos ouvido já durante a noite toda. Foi ali que Koch-Gruenberg voltou em 1903, pois naquela época não havia moradores deste ponto para cima. Esta cachoeira é a pior de todas que no Içána e Ayarí tive de passar. E preciso levar por terra numa distancia de 200 metros não toda a carga como também a embarcação, sendo a subida do porto de baixo formada por um rochedo ingreme de 20 metros de altura. Na margem direita existem também ali alguns petroglyphos.

Um pouco abaixo da Castanha-Cachoeira vimos o sítio do mesmo nome, habitado por dois índios Yiboya-Tapuya. Passando esta e logo acima a Curua-Cachoeira encontramos outro sítio do mesmo clan um pouco para dentro do Yacundá-Igarapé, afluente pela margem direita. Dos seus 7 habitantes, só estava em casa uma mulher, não querendo esperar até que os outros voltassem da roça, prometemos fazer outra visita na bolta e seguimos. Uma outra maloca junto á Yauti-Cachoeira estava abandonada, tendo os seus habitantes em numero de cinco feito uma viagem de passeio a Cururú-Poço.

Pouco depois de meio dia chegamos a outra maloca situada também um pouco distante da margem num afluente da banda direita, o Tapurú-Igarapé. Era um comprido rancho com cumieira. Quando me aproximei vi uma mocinha fugir para o mato e não havia pedido e promessa que a fizesse reaparecer. Uma horrivel trovoadas desabou. Duas crianças vieram debaixo da chuva correndo para casa, mais assim que perceberam a presença de estranhos, fugiram para traz aos gritos. Mandei um dos meus Yiboya-Tapuya atraz delas, e logo ele voltou trazendo todos os habitantes do sítio em numero de 6. Como não havia meio de fazer fogo no porto pedimos licença para fazer a nossa refeição dentro da casa, e assim que o tempo melhorou descemos outra vez pelo Ayarí abaixo, deixando de visitar uma outra maloca dos Yibóya com 8 habitantes, situada na boca de Sacú-Igarape, ainda um bom pedaço mais acima. Mal tínhamos embarcado quando cahiu novo temporal refugio na maloca do Tapurú-Igarapé cujos habitantes encontramos agora em casa. O dono da maloca ofereceu aos seus hospedes que entraram molhados e tiritando de frio, cuias com tacacá quente e panela com quinhapera, e depois mandou fazer beijú para a continuação da nossa viagem. No dia seguinte alcançamos antes do meio dia o nosso acampamento no porto do caminho para Yutica. Paguei e despachei os dois Yiboya-Tapuya e fiquei esperando com o curumi João que voltassem os meus remadores que já tinham levado uma parte da carga para Uaupés. Como porém até a manhã seguinte ninguem aparecesse deixei o curumi com

o resto da bagagem e segui só no rumo de Yutica. Este caminho que liga o Ayarí ao Uaupés é vereda bastante deficiente de 12 kilometros de comprimento. Depois de atravessar alguns igarapezinhos afluentes do Ayarí, ela segue serpenteando pelo divisor das aguas, em parte coberto de cerrados, atingindo com 4 km. uma campina onde se acha um pequeno em mau estado. Imediatamente depois começam os afluentes do Uaupés, tornando-se o caminho, ao menos durante o inverno, em parte extremamente locoso ; raizes entrelaçadas em grande quantidade dificultam alí ainda mais a marcha. O que não é igapé está coberto de cerrado, especialmente um grande trecho pouco antes de se chegar a Yutica. Em meio caminho encontrei-me com a minha gente ; eles foram caindo ao Ayarí.

Para buscar o resto da bagagem, e depois despedi-os. Durante 40 dias estivemos juntos de dia e de noite ; sempre os encontrei com benevolencias de liberalidades e como seres iguaes a mim ; no intimo eles tambem reconheceram isto tudo pois manifestaram neste sentido por diversas vezes quando perguntados a meu respeito por outros índios : com tudo a sua atitude para comigo foi até ultimo momento só comparavel á de força contra o seu carcereiro !

c) *Rio Uaupés.*

A aldeia Yutica, onde cheguei no dia 9 de maio, está situada na margem esquerda do Rio Uaupés que alí, desde da boca do Querarí até a do Parurí forma a divisa entre o Brasil e a Colombia. Junto da aldeia uma ilhota divide o rio em dois braços fortemente encachoeirados, a Yutica-Cachoeira. A aldeia, que conta 58 habitantes pertencente a tribu Uanána compõe-se de uma maloca grande em estilo antigo e 8 casas para uma familia cada, das quaes só 5 estão acabadas e habitadas. Fóra essas habitações de índios existe alí, infelizmente a casa do famigerado peruano Julio Cesar Barreto, bastante conhecido na Inspetoria pelos seus numerosos crimes. Não podendo por isso mais permanecer alí, entregou ele os seus negocios a um brasileiro, Antonio Maia, que lá mantém uma taberna e cujo os empregados estão constantemente em caminho para extorquir nas malocas dos índios o pagamento das « dividas » do Barreto e para arrumar novas contas nas costas destes infelizes, afim de obrigar-os ao serviço do seu patrão. Enquanto assim, os seus empregados afligem as malocas visinhas. Maia pessoalmente emprega o mesmo sistema em Yutica, auxiliado por um certo João Lima, que os índios me indicaram como dos peores esturpadores de meninas que afligem as suas malocas. Felizmente este Antonio Maia desceu para o rio Negro no segundo dia depois da minha chegada em Yutica, de onde ele mais tarde voltou com a nomeação de sub-prefeito de policia de todo o Uaupés desde a Yauareté até a boca do Querarí. Enquanto estive em Yutica andou ele constantemente renhindo pelas casas dos índios e especialmente na do tucháua, reclamando que estivessem-lhes devendo isto e aquilo, exigindo serviços e ameaçando os com violencia, constringindo o tucháua para fornecerem remadores etc. Tive com ele uma pequena explicação a respeito do

tratamento dos índios quando ele e o seu ilustre companheiro tiveram a petulância de arvorar-se perante mim, a si e os seus amigos, os balateiros colombianos, em representantes do progresso e civilisadores dos selvagens. Infelizmente para ele, porém, encostou no segundo dia da minha estadia um grupo destes colombianos de passagem em Yutica um batelão encostou e tres « cabaleros » com caras patibulares, ostentando um arsenal de bandidos, desembarcaram. Um deles que aliás, me dirigiu a palavra em castelhano, era um cearense que serve de testa de ferro a estes colombianos quando se trata de « sacar índios » em territorio brasileiro. Foram juntos para a taberna de Maia onde beberam cachaça durante a noite toda, obrigando-me a passar horas e horas com uma mão no cano e outra no fecho do meu rifle, pois quando ficaram bebados combinaram-se para pegar a força as índias da aldeia, o que não fizeram devido aos conselhos do Maia, que lhes lembrava a minha presença, alegando que não se sabia o que papel eu ahí estava desempenhando. Pela manhã estavam todos completamente bêbados. O chefe do grupo, o famigerado Luys Reyes, perseguido pela sua propria má consciencia que lhe sugeriu a chimera, que os índios estivessem planejando de assassinal-o, armou-se até os dentes, e como não lhe apparecesse nenhum índio na frente deu um golpe de terçado na cabeça de seu socio. O cearense me apresentou o ferido que estava coberto de sangue, eu porém neguei peremptoriamente a intervir *enquanto não se tratasse dos índios*. Depois socegaram, e quando perguntei por eles mais tarde para tirar um instantaneo deles que servisse de enfeite ao presente relatorio, eles já tinham partido, caladinhos o quise clandestinamente. Sem a minha presença em Yutica esta visita dos Colombianos teria tomado com certeza um aspecto ainda muito peor.

A tribo dos Uanána, compõe-se de duas divisões separadas. A primeira conta 50 cabeças e habita 5 sítios no Uaupés, acima da boca do Querarí, portanto inteiramente em territorio colombiano. A segunda, composta de 168 cabeças habita em 12 estabelecimentos desde o Carapaná-Igarapé, abaixo do Querarí, até Periquito-Cachoeira. Suas malocas com 17 pessoas habitam do lado da Colombia e os outros do lado do Brasil. Alí as suas aldeias principais são Yutica com 58 e Carurú com 34 habitantes. No tempo da missão franciscana (1860) a primeira contava 84, a segunda 168 cabeças. Para o ano de 1904 Koch Gruenberg dá como numero total dos Uanána 500-600 em trinta estabelecimentos. Esta tribo ficou portanto, no decorrer dos últimos 24 anos, reduzida a dois quintos dos seus membros. Capitão Felicio, chefe dos Uanána de Yutica, tem duas mas qualidades : mente e bebe cachaça, mas é vivo e inteligente e esforçou-se por me ser agradavel tão bem como ele compreendia. Em todo era ele o índio que mais compreensão mostrou quanto ás minhas intensões. Ele fala pessimamente o portuguez, mas conhece bem, afóra a lingua materna, a lingua geral, o Deçana, o Cobéua e o Tucano. Quando eu cheguei ele só falou-me na construção de uma capela e que ele tinha abolido as ceremonias de Yuruparí ; mais compreendendo logo o meu gosto e respeito as instituições antigas da sua tribo, tratou de vir ao encontro dos meus desejos, preparando logo uma dança de máscaras em estilo velho.

Com zelo e dedicação começaram os Uanána os preparativos : nas lages da cachoeira batia-se alegremente a entrecasca de tururí para os vestidos de máscara, e num rancho aberto furava-se a fogo os canudos de ambaíua que servem de bastões de dança. Entrementes fiz o levantamento do varadouro de Yutica ao Ayarí e um excursão pelo Uaupés acima até á Yaburú-Cachoeira, do Rio Querarí, tida, ao que parece, sem razão como limite entre o Brasil e a Colombia.

Fiz esta última viagem em uma ubá pequena tripulada sómente com um homem e dois curumis. Mal tínhamos no dia 18 de Maio, partido de Yutica, quando a chuva começou a cair. A ubá não tinha panacárica, mais só uma esteira que cobria a bagagem, de maneira que num instante fiquei completamente molhado, tornando-se o levantamento do rio cada vez mais difícil. Pelas 4 horas da tarde, encontramos as duas malocas Uanána : Tainha e Taracua, a pouca distancia uma da outra, na margem brasileira, e resolvemos pernoitar na ultima. Igual conosco chegou no porto um grande bando de índios Cobéuas, do clan Hohónaua, do rio Cuduyari. Estes índios ostentavam roupas civilizadas que lhes diziam horrivelmente mal, especialmente os lenços enrolados nos seus pescoços entroncados abaixo das caras pintadas de carayurú. Estavam em viagem para visitar os parentes das mulheres no Cumá-Igarapé. Um moço amavel que falava um pouco de castelhano, prestou-se com facilidade para a organização de um pequeno vocabulario de seu dialeto. O dia seguinte amanheceu chovendo. Assim que a chuva cedeu um pouco continuamos a viagem mas logo nova chuva começou a desabar, continuando sem interrupção. Fui forçado a uma verdadeira ginastica para poder fazer a leitura da bussola, mas abrir a caderneta era coisa impossível. No meu desespero lancei mão da tampa da panela e escrevi sobre ela. Até uma da tarde a chuva desceu sem fazer a minima pausa. Tiritando de frio e humidade, me lembrava com saudade da maloca confortavel que tínhamos deixado. Finalmente vimos na margem dois ranchinhos feitos por viajantes índios, onde nos abrigamos do máu tempo, refazendo-nos ao calor de uma fogueira e com uma panelada de mingáu quente. Seguimos depois ainda até a Pacú-Cachoeira, pouco abaixo da boca do Querarí onde passamos a noite, naturalmente debaixo de chuva. O Querarí, onde entramos pela manhã seguinte, corria fortemente. De tarde chegamos á Yaburú-Cachoeira, umas das mais violentas de todas estas zonas. Encontramos uma maloca dos Yiboya-Tapuya, a única que não se mudou ainda para o Alto Ayarí, numa ilha. Os habitantes, 10 pessoas, estavam ausentes, mas conseguimos descobrir-lhes numa outra casinha deles na margem colombiana. Logo depois chegou alí vindo do Uaupés, o Tucháua Leopoldino, dos Tariana, de Yauareté ; ao todo duas pessoas numa ubá grande e duas canoinhas ; vieram de uma visita que ele tinha feito ao cunhado do tucháua, na boca do Cuduyarí.

Na madrugada seguinte começamos a descida pelo Querarí e Uaupés debaixo de chuva, e como os meus remadores para se aquentar trabalhavam como possessos chegamos pouco depois das duas horas em Yutica. Encontrei alí os Uanána trabalhando com estranha dedicação na ornamentação das suas máscaras de dança e das ambaíuas. O meu apelo ao seu talento artistico não tinha

sido de balde ; era agora uma verdadeira orgia de ornamentos. Com infinito cuidado e paciencia eles traçavam linha por linha, assentavam ponto por ponto, para encher os planos. Nos seus rostos estavam estampada a satisfação que sentiam no seu trabalho. Jamais enfrentei de uma maneira tão palpavel aquele primitivo gesto de arte, cuja manifestação são o encanto do ethnologo, como aqui, num dos seus últimos baluartes, no Rio Uaupés. O tempo moderno chegou que transforme o selvagem livre num escravo, espesinhando os seus sentimentos elevados e com eles o seu prazer de vida. Do alto Uaupés desce a tirania aniquiladora dos balateiros colombianos, enquanto do Rio Negro vem subindo a influencia da missão catolica, sufocando todas estas manifestações da arte primitiva, ligada inseparavelmente ás ceremonias pagãs destes índios. Os Uanána e os Cobéuas, seus visinhos pelo lado de cima, são hoje os únicos índios que ainda conservam as danças de mascaras.

As ambaíuas, fulgentes na sua ornamentação fresca, já formavam uma carreira comprida : os meus recursos de certo não davam mais para adquerir tudo isto depois da festa, como eu queira.

De noite foi o Capitão Felicio comigo á maloca grande construida um pouco atraz das outras casas : seis moços estavam em pé ao longo do enorme coxo de cachirí, passando ambas as mãos vagarosamente pelo liquido e esmagando entre os dedos qualquer caroço que encontravam. Depois de repente começaram a estregar o cachirí entre as palmas das mãos num certo compasso, o que producía um chiro caracteristico. Finalmente os moços se afastaram e um numero igual de moças continuaram o mesmo trabalho, pouco a pouco ajuntou-se em Yutica um bom numero de índios vindos de outra parte : Uanána dos sítios visinhos que traziam mascaras e ambaíuas, o tucháua Leopoldino com os seus Tariána, os Hohonaua-Cobéua e alguns Yibóya-Tapuya do Rio Ayarí. Pela manhã do dia seguinte trabalhavam ainda com afinco no acabamento das máscaras, utilizadas no fim do periodo de luto. Como, porém, aquela festa que eu assistim em Yutica, não fosse organizada por este motivo mas sim porque eu tinha mostradô interesse em conhecer os costumes antigos dos Uanána, tendo motivo para supôr que as cerimonias, ao menos quanto ás danças de máscara, não tivessem sido executadas com todo o rigor necessario. Tambem não consegui penetrar nas idéas e mythos que formam a base de taes ceremonias, no curto espaço de tempo que me demorei entre o Uanána.

O Capitão Felicio falhou neste ponto por completo, e os outros tambem allí não se sahiám jamais do seu retrahimento desconfiado. Os dançadores de máscara, em numero de dois sahiám da casa onde tinham se preparado, marchando uma columna de dois em dois para o terreiro da maloca, guiados por uma máscara de borboleta. As outras máscaras representavam 2 aracús, 2 papagaios, 2 demonios Tenemené, 2 peixes araurí e 2 andorinhas. Os papagaios traziam bastões com chocalhos de caroços de piquiá amarrados abaixo da ponta, os Aracús compridas varas duplas e os Tenemené simples cacetes. A borboleta, soltando um prolongado « oh ! » e batendo com uns chocalhos numa cuia enfeitada com penugens de gavião, corria com passinhos curtos e ligeiros pelo ter-

reio, descrevendo voltas, enquanto os outros pares dançavam para deante e para traz. Depois avançavam contra a porta da frente da maloca, batendo furiosamente com os seus páus nos batentes. Depois de fazer a mesma scena na porta de traz, eles entraram na maloca onde continuaram a dança — os papagaios com os passinhos curtos e o corpo inclinado para diante, os outros marchando com passos regulares : a borboleta, de quando em quando, dava o seu vô característico. Agora chegaram, guiados por uma máscara de Arauirí, os dois Tenemené, na porta da frente, onde cruzaram os seus bastões. Os de dentro chefiados pela borboleta pareciam querer impedir-lhes a entrada, ameaçando-os com as suas varas e batendo com elas na ombreira da porta. Depois dançaram os dois grupos, tanto o de dentro da maloca como o de fóra. Finalmente aqueles tiravam as suas vertimentas de máscaras, pendurando-as em varas fincadas numa linha para este fim. Os tres de fóra entraram, dançando um pouco dentro da maloca e se despiram tambem. Depois de descançar vestiam novamente as máscaras, e os Aracús representaram a « dança das jacinas » : O-Ipipi kamáni kararári. Karararí ! Karararí ! Karararí ! wake ! pulando um atraz do outro. Depois dançaram os dois papagaios, cara com cara, e segurando nas mãos um pequeno bastão. Entretanto os outros homens, sentados ao lado do enorme coxo de cachirí, perto da porta de traz, começaram os preparativos para a dança com o acangatára. Um sentou-se no seu banquinho, fincou a lança deante de si no chão e começou a tirar de uma grande caixa de palha os seus enfeites para a dança, para escolher as peças convenientes. 8 acangatáres ele amarrou na haste da lança e 7 penachos de plumas de garça ele fincou no chão, emdepois ficou estalado sem saber que ele devia escolher, precisamente um janota deante de sua coleção de gravatas : um outro em pé, enfeitava-se com missangas, enquanto sua mulher lhe enfeitava as coxas e a barriga com ornamentos de carayurú, empregando para isto um instrumento de tres dentes. Dois outros se sentar em junto num banco e começaram a tocar as suas flautas de Pan.

Outra vez os Papagaios dançaram cantando pela maloca : « Kenariwa yakakawé ; — Kariwa yakawa ! — Kariwa yakawa ! — Malitéka-téca o-o. » Depois dançaram tambem os Aracús e os Tenemené : « Kamaka Dyali kamamakádyali ! » Enfim apareceram novamente os papagaios pulando com os pés juntos, um ao lado do outro : « Ti-ti-ti ! » Depois dançaram cada um separado, cantando.

Neste meio tempo os dançadores de acangatára acabaram de enfeitar-se. As seis horas da tarde formaram, em numero de 18, no terreiro, e, com um grito prolongado : « E-e » marcharam para dentro da maloca.

A mão esquerda sobre o hombro direito do visinho, a ambaíua na mão direita, formaram um semicírculo. O chefe da dança, no centro, armado de escudo e lança maracá, fez tinir esta, batendo a sua haste fortemente contra o hombro direito. Os dançadores fizeram alguns passos para direita e para esquerda e romperam com assobíos estridentes e prolongados ; depois começaram a cantar e a dançar em roda : dois passos para um lado dois no mesmo lugar e sempre batendo fortemente com o pé direito.

No fim desta dança ouviu-se outra vez aqueles assobios estridentes ; depois ofereceram cachirí aos dançadores. Então as moças, das quaes algumas estavam ornadas de tanguinhas de missangas e ligas abaixo dos joelhos, começaram tam bem a tomar parte na dança ; abraçavam-no pela cintura.

Quando, no fim desta dança, eles se retiraram, bateram os homens duas vezes fortemente e gritando com o pé para frente, e, correndo para traz, debandaram.

Dois dançadores de máscaras apareceram agora enquanto nos fundos da maloca, dois tocadores de flauta de Pan correram para lá e para cá. No meio da casa sentou-se um homem com um escudo no braço atraz de um pote de capí do qual ele serviu os homens que sucessivamente se chegaram a ele. Os tocadores de flauta de Pan mudaram o compasso para um trote leγειro batendo com entusiasmo como pé direito, e imediatamente duas mocinhas agraram-se nos seus braços correndo com eles de maneira que ficavam sempre meio atraz dos seus cavalheiros.

Os dançadores de acangatára começaram a sua segunda dança ; como sempre, iam primeiro todos a convidar os presentes, um por um, para tomar parte. Primeiro dançavam ao redor do grupo das mulheres e moças sentadas, deante do qual ardia uma fogueira ; mas logo estas se levantaram para fazer parte. Dois pares de dançadores se moviam no centro para lá e para cá. Os outros formaram um semi-círculo, cantando em voz baixa. As mulheres dançavam, dando-se as mãos atraz das costas dos homens.

A dança começou a andar em roda e progressivamente o compasso tornou-se tão rapido que as mulheres não mais poderam acompanhá-las, e tiveram de sahir da roda. Estas danças de acangatára são serias e graves, quasi tristes.

No meio da roda, em pé, imovel, uma mulher solta de tempo em tempo dava um grito alto e prolongado por 15-20 segundos (verificado com relógio) mantendo a mesma nota com a mesma força até o fim do grito.

As nove horas e meia, tres pares de dançadores de flauta de Pan representaram uma dança fogosa, correndo em círculo com extreme rapidez e trocando as suas damas, arrojando-as de si para o outro cavalheiro no qual elas se agarravam com notavel destreza, aguentando até o fim com visivel entusiasmo.

Umas caras de Tenemené apareceu só no meio da maloca. Atirou com uma bola de emvira representando uma fruta silvestre, para o ar, correu aos pulos atraz dela para apanhá-la, bateu-a contra o joelho e o esteio e fingiu comê-la e depois do que sahiu da maloca dançando e cantando.

Logo apareceram no terreiro 7 máscaras com tochas de páu candêa acesas. Cantando uma moda animada e batendo com estrondo com o pé direito eles entraram e sahiram dançando. Segundo compreendi representavam demonios que com as suas tochas matavam de noite as saúvas que perseguem as plantações. Pela madrugada começaram outra vez as danças de acangatáras ; os homens, em pé, parados, formavam um semi-círculo, cantando em voz baixa como se fosse oração.

Apareceram depois tres homens : um trazia o acangatára na cabeça, escudo e lança nas mãos, outros trazia cacetes e lenços na cabeça. Dançaram deante

do semi-círculo dos outros, sahiram depois pela porta da frente e apareceram na de traz, espiando para dentro da maloca enquanto dançavam de um lado para o outro em posição de quem espreita alguma coisa. De repente correram para dentro e, passando pelo semi-círculo dos dançadores sahiram outra vez pela porta da frente. Quando repetiram esta pantomima pela segunda e terceira vez, o que estava armado de escudo e lança agarrou uma mulher pela cintura e levou-a consigo para fóra. Si compreendi bem, representavam a chegada de índios de uma outra nação, vinda do mato.

O termo final da festa foi ás 9 horas da manhã uma dança de phallo. Os dançadores de mascaras, encostando no ventre enormes phallos torcidos grosseiramente de envira, começaram a pular pelo terreiro, um atraz do outro e acompanhando cada pulo com um forte « Hum », com grande gaudio das mulheres e moças que estavam presentes. Eles entraram na maloca onde sopravam e abanavam os seus phallos, avançando depois debaixo de um Hé ! ameaçador e movimentos de coito contra as espectadores que fugiam para o terreiro aos gritos. Os dançadores porém contemplavam e acariciavam agora os seus phallos, mostrando-os uns aos outros debaixo de comentários obscenos e fazendo-os cheirar.

Por fim avançaram também contra os homens presentes, pelo modo acima descrito ; estes porém, riam-se e não faziam conta. Pelas 9 horas e meia da manhã tudo estava acabado ; a maloca e o terreiro ficaram silencio : os participantes da festa foram para casa onde passaram o resto do dia dormindo. No dia 21 de maio parti de Yutica, descendo pelo Uaupés. Apesar de uma demora de 12 dias nesta maloca e em despeito da disposição relativamente favoravel do Capitão Felicio não consegui entrar em relações satisfatorias com a maioria dos moradores. Ainda no ultimo dia antes de minha partida, entrando eu na maloca grande, tive de ver uma moça, que cheia de susto devido á minha chegada, subiu por um esteio para se esconder debaixo da cobertura da casa ; o tucháua Felicio, se me tratou com tanta atenção, não o fez seguramente por mera simpatia ; queria predispor-me para o seu fim o qual era de atihar-me contra os civilizados, seus inimigos. Todos os meios, especialmente também as mentiras mais palpaveis ele empregava para isso mais se eu por-ventura me tivesse saído mal de qualquer conflito provocado desta maneira, estou convencido de que ele e os seus Uanána teriam se regosijado com um tal resultado, tanto como no caso contrario, porque enfim eu era para eles um civilizado e um inimigo também. O tucháua Felicio me forneceu uma ubá grande e cinco tripulantes para continuação de minha viagem, até Yauareté ; mas seus homens deram prova de um medo das cachoeiras e uma falta de prática em vencel-as que eu muito extranhei em índios moradores de um rio encachoeirado. Passamos cedo á Yacaré-Cachoeira chegando logo depois á cachoeira mais forte que vi em toda minha viagem : Taiíra-yuaráu. Gastamos para vencel-a 6 horas. A ubá tem de ser arrastada por terra com muito trabalho.

O tucháua Leopoldino, dos Tariána, alcançou-nos, fazendo admirar a preseteza e naturalidade com que os seus rapazes deram conta da cachoeira.

Muito antes de nós ele seguiu rio abaixo. As 4 horas passamos ainda a Matapí-Cachoeira onde se arrasta a embarcação, apenas alguns metros por cima das lagoas, e meia hora depois encostamos a ubá no porto da aldeia de Carurú, Koch-Gruenberg, que por duas vezes visitara esta aldeia, deu-se alí muito bem enquanto que ele se queixava da falta de honestidade dos Uanána de Yutica. E neste ponto não tenho queixa de nenhuma nação das que visitei nesta viagem. O Gomes, o tucháua de Carúru que não fala uma única palavra de português, recebeu-me bem, e toda a sua gente chegou-se para comprimentar-me. Quando, porém, mais tarde quiz fotografal-os eles se esquivaram com poucas excepções e nem o tucháua era capaz de reunil-os deante do aparelho o que aborrêce-o visivelmente. Recebi alí a visita de uma índia Uanána com sua filha ambas bastante civilizadas, pois tinham passado alguns anos em S. Gabriel. Num portuguez sofrível desembanhou a lingua sobre os civilizados, procedimentos este que precisamente da parte dela me parecia pouco justificavel. Indias civilizadas como estas, são vantagens duvidosas para uma maloca : primeiro julgam-se infinitamente além dos seus parentes brutos, e bastante ladinhas para tirar por sua conta o maior proveito possivel das suas relações com os civilizados. Logo, porém, que os seus negocios vão mal — o que mais cedo ou mais tarde sempre acontece — elas gritam pelo tucháua ou pelo Serviço de Proteção aos Indios, para que estes lhes desembrulhem as suas questões particulares as mais das vezes pouco asseadas, respectivamente para jogar estas autoridades contra os seus ex-amantes, etc. Infinitamente mais merecedora de simpatia me parecia a filha do tucháua Gomes, Dyá-wano, bonita moça, de um porte sereno e meigo ; segundo o pae dela me contou, ela foi vitima de um colombiano Luys Reyes, que a estuprou na idade de 10 anos. Tanto aqui como já em Yutica achei os moradores profundamente amedrontados com as ameaças daquele colombiano que, de descida, havia dito que na subida ele apanharia as meninas e moças para carregalas para a Colombia. Os índios pediram-me com instancia que ficasse na aldeia até que os colombianos tivessem passado. Como eu não tinha certesa quando estes tencionavam subir, não pude satisfazer este pedido. Deixar nas mãos dos Tucháuas cartas minhas exigindo dos colombianos respeito ás pessoas e propriedades dos índios, como estes me sugeriram, teria sido inutil ; resolvi pois tentar intimidalos repreendendo ameaçando-os desassombradamente assim que com eles me encontrasse em viagem.

Pela manhã do dia 23 deixei a aldeia do Carurú. O Uaupés forma dalí para baixo uma única cachoeira, formidavel e perigossissima. Atravessamos para um porto na margem oposta, um pouco acima da aldeia e carregamos toda a carga por terra por caminho de mais de um kilometro de comprimento, até outro porto abaixo da Yandú-Cachoeira. A nossa ubá tambem tivemos de arrastar por um outro caminho numa distancia de uns 600 metros. O tucháua Gomes com seu filho Mandú Alexandre, bonito moço de compleição atletica e mais dois outros Uanána de Carurú, vieram voluntariamente ao nosso auxilio.

Na Arára-Cachoeira que se segue imediatamente, junto da pedra onde se acham gravadas as figuras dos aráras, faltou muito pouco que naufragassemos.

Gomes na sua ubá desceu numa carreira vertiginosa na nossa frente para mostrar-nos o caminho, pilotando a sua embarcação com destreza e clama de maneira que entrasse num remanso imediatamente acima do tombo da cachoeira. Os meus remadores seguiram, timidamente e irresolutos. Desgovernada, a nossa ubá foi arrastada pela correnteza por debaixo de uma das arvores que se debruçavam da margem, e que lhes arrancou a panacarica. A embarcação se atravessou e desceu sem remédio para o tombo da cachoeira. Já no último momento porém conseguiu o nosso piloto pegar a mão de Mandú Alexandre que este lhe estendia da prôa da sua ubá, imprensada por ele propositalmente atrás de um tronco de arvore. Com esforço sobrehumano os dois se aguentaram agarrados com ambas as mãos e segurando as embarcações com os joelhos até que os remadores, trabalhando desesperadamente conseguissem que a canôa entrasse no remanso, já prestes a se alagar. Uma trovoadá terrível desabava. A bagagem sem abrigo da panacarica ficou completamente molhada, sem se falarem nós que já estávamos pela luta com a cachoeira. Quando ela terminou troquei dois dos remadores de Yutica por gente de Carurú, e logo tudo correu sem dificuldades. Sem mais incidentes passamos a Yapú e a Periquito-Cachoeira. Junto desta última achase na margem colombiana a última malôca dos Uanáas. Passamos a noite em Panapaná, primeira maloca dos Yuruparí-Tapuya, com 12 habitantes, situada na margem brasileira onde mandei fazer nova panacarica para nossa ubá.

Na manhã seguinte, pouco depois da minha partida do Panapaná avistei de repente tres grandes batelões colombianos subindo pela margem direita ; no ultimo reconheci o Luys Reyes. Atravessei para o lado deles, e fazendo parar o batelão exigi-lhe satisfação pelo seu procedimento contra os índios de Yutica e Carurú, ele porém me respondeu que não aceitava reclamações e que as fizesse eu junto ao meu governo.

Respondi-lhe que já sabia que ele contava com isso, e que naturalmente havia de dar conta dos seus desatinos ás autoridades competentes, mas que enquanto estas não agissem eu consideraria qualquer ofensa ao índio como feitas a mim pessoalmente, e como tal a vingaria. Isto fez com que ele mudasse de conversa. Assegurando-me que nunca tinha cometido nenhum desatino contra os índios e chamando para testemunhas disto « um cidadão brasileiro » : o tal cearense, que, como sempre vinha em sua companhia.

Virei a proa e continuei a viagem : os colombianos porém se vinaram da repreensão, obrigando debaixo de tiros, dois curumis do tucháua Leopoldino de Yauareté que vinham atrás numa ubá, a cahirem n'agua para se salvarem a nado.

Passamos mais outra dos Yuruparí-Tapuya junto de Iuacá-Cachoeira onde residem 12 pessoas ; uma terceira com 3 habitantes sómente, acha-se um pouco afastada da margem do rio, no Yapécú-Igarapé.

Talvez que pertencem a esta tribu tambem os habitantes de uma maloca na margem do Uariua-Igarapé em territorio colombiano em numero de 10 e que me foram dados como Tariána. Mas uns 15 Yuruparí-Tapuya, habitam em

3 sítios no Alto Yaurí e indivíduos avulsos desta tribo entre os Hohódene do Alto Cubate. Em todo o caso esta tribo hoje não conta mais que quando muito 60 cabeças ; segundo Koch-Gruenberg eles eram em numero de 150 em 1904. Eles não são identicos com a tribo do mesmo nome que habita na região de Sant'Ana, no Rio Içana, e que na sua propria lingua se chama « Mapátse-dáke-nai » enquanto a auto denominação dos Yuruparí-Tapuya do Uaupés é « Lyeine ».

Em Mira-piréra-Ponta encontramos o primeiro sítio de índios de lingua Tucano, pertencentes aos Uça-Tapuya, em cuja aldeia principal junta da Umari-Cachoeira é composta de 5 casas com 40 habitantes, nós passamos a noite. Um sítio com 8 pessoas acha-se no lado colombiano no Paranapána-Igarapé. Toda a tribo dos Uça-Tapuya conta hoje 82 almas, pelo que parece que não diminuíram muito, pois Koch-Gruenberg os cita em 1904 com menos de 100, dando-lhe porém erroneamente o nome de Uína-Tapuya.

Quasi todos os homens de Umari-Cachoeira tinham ido com os colombianos, se voluntariamente ou obrigados eu não pude saber bem, pois os moradores restantes se mostraram naturalmente retrahidos e desconfiados.

Na volta grande que o Rio Uaupés descreve abaixo da Umari-Cachoeira começa o territorio da tribo Tariána, a zona mais povoada de todo o Uaupés. 14 estabelecimentos desta tribo (inclusive um no baixo Papurí) com 279 habitantes encontra-se num trecho do rio, que em linha reta não tem mais que 2 kilometros. Sómente um sítio, Anayá-rúa com 12 pessoas está situado em territorio colombiano.

Depois de vencermos algumas cachoeiras pouco importantes mas que deram bastante que fazer á inexperiencia dos meus remadores de Yutica, chegamos ás 8 e meia na grande Yauareté-Cachoeira. Na margem direita, sobre a ponta de terra alta formada pela confluencia do Papurí com o Uaupés aparecem umas barracas em alinhamento : o posto fiscal colombiano ; deste ponto para baixo ambas as margens do Uaupés pertencem ao Brasil, seguida a fronteira da Colombia em rumo Oeste pelo curso do Papurí. Todas as embarcações tem de ser descarregadas allí, passando-se a carga pela margem colombiana para o porto de baixo. O chefe do posto. Dr. Aurelio me recebeu cortezmente enquanto eu esperava que uma canôa da visinha aldeia viesse buscar a min e a minha bagagem pois como os meus remadores tinham de voltar dali, não quiz passar a ubá deles pela cachoeira. Neste ponto ha um destacamento policial de 5 praças. Do terreiro gosa-se de uma bonita vista do rio e das malocas do lado brasileiro, do lado da Colombia não se vê uma única siquer.

Devido a esta falta de índios produtores estão os habitantes do posto em completa dependencia do Brasil, vendo-se forçosamente a comprar dos índios brasileiros a farinha, banana e outros alimentos. Apesar disto eles as vezes não conseguem dominar por completo a sua perversidade habitual, atirando sem motivo sobre os índios brasileiros, que sobem ou descem pela margem direita do Papurí, sob o pretexto de se tratar de índios colombianos, obrigados a encostar no posto.

A aldeia Yauareté está situada na margem direita, um pouco abaixo da foz do Papurí, e compõe-se de 8 casinhas imitando a construção dos civilizados, dos quaes alguns ainda não estão acabadas. Conta 51 habitantes debaixo do Tucháua Leopoldino, homem obsequioso e tratavel, que fala sofrivelmente o português. Poucas centenas de metros pelo rio abaixo e separado da de Yauareté por um igarapezinho, está a maloca Arapáço-Ponta, uma casa grande em estilo antigo com 48 habitantes, debaixo do tucháua Nicolau, que reuniu em torno de si a parte mais conservadora da tribu. Finalmente acha-se em frente a Yauareté na margem esquerda do Uaupés a maloca Mandii-Ponta com 9, e um pouco acima da mesma margem as tres casas de Uirá-uaçu-Ponta com 15 pessoas.

Na ponta de terra oposta ao posto colombiano vê-se um sobrado barreado, cercado de varanda, o « Posto do S. P. I. », levantado ali pelo ex-delegado José Brandão ; a sua construção é um tanto deficiente. Demorei-me 6 dias em Yauareté. Nesta aldeia e dali para baixo, achei os índios menos retraídos que do Alto-Uaupés, sem dúvida por não se acharem mais tão expostos aos máus tratos dos colombianos. O tucháua Leopoldino frequentemente me convidava para o cachiri e a quinhapara, e o quarto que seu irmão me cedera para moradia estava sempre cheio de visitantes, especialmente rapazes, mas que nunca se comportavam mal. Entre todos os índios do Uaupés com que tratei nesta viagem o tucháua Leopoldino e a sua mulher foram as pessoas mais agradáveis, o que alias não significa tanta coisa.

Nos dias 28 e 29 de maio empreendi um excursão de Yauareté, visitando uns índios Macú moradores a 16 kilometros do Sul, no centro das terras, para o lado do Yapú-Igarapé. Descendo primeiro o Uaupés em canôa até a boca do Yuí-Igarapé, alcancei por terra a um kilometro e meio da margem do rio uma maloca dos Pirá-Tapuya com 20 habitantes, onde arranjei um guia. Passando o Yuí-Igarapé tres vezes, marchamos pela mata, chegando depois de 4 horas a um rancho numa roça, onde encontramos um Macú velho e uma mulher doente com uma criancinha. Pouco adiante estava uma maloca maior com paredes de entrecasca de páu, igual as malocas mais desleixadas dos Tariána. Tambem os habitantes, uns 20 talvez não tinham, afóra de sua lingua, nada mais da civilização primitiva dos Macús, nem sequer a fabricação de cestos de cipó em technica espiral, tão caracteristica para esta tribu. Não vi uma única peça que valesse a pena da aquisição : os seus trastes não se distinguiam dos de Tariána ou Pirá-Tapuya mais pobres. O tucháua Leopoldino qualificou estes Macús, com tambem alias os Yuruparí-Tapuya, como seus « escravos ». O seu maior contacto porém nem é com Yauareté mas com a aldeia Yuquirarapécuma dos Curauá-Tapuya, da qual eles ficam mais perto.

Vi-me obrigado a renunciar a uma investigação mais minuciosa dos índios abaixo de Yauareté bem como á visita dos rios Papurí e Tiquié porque com excepção de alguns machados e terçados, as minhas mercadorias de troca, e especialmente as muidezas para o pagamento das numerosas pequenas necessidades, estavam esgotadas. Por felicidade consegui que o tucháua Leopoldino

me arranjasse uma canôa com 5 remadores Tariána para me deixar em São Gabriel no Rio Negro, nas condições de eu lhes fazer o pagamento lá, onde a existencia de uma casa de comercio me permitia.

No dia 31 de maio partimos pela manhã de Yauareté, passando logo abaixo a Araripirá-Cachoeira, onde se acha o ultimo estabelecimento dos Tariána de cima, com 20 habitantes. A pequena maloca Yacitára, pouco mais abaixo, já pertence, com os seus 5 habitantes, á tribu dos Pirá-Tapuya, assim como Acan-gatara-Ponta e Uaracú-Ponta, mais abaixo ainda, e duas outras malocas um pouco afastadas da margem direita nos Igarapés Sumaúma e Yuruparí. Abaixo desta fração dos Pirá-Tapuya, habitam os Curauá-Tapuya que falam a lingua Tucano, em dois estabelecimentos apenas, na margem direita ; uma pequena maloca dentro do Anána-Cachoeira e o povoado relativamente impo-tante de Yuquirá-rapecúma que consiste de 7 casas em estilo civilisado, alin-hadas. O tucháua da aldeia já ha mezes se havia mudado para junto do seu genro na margem do Rio Negro. O seu tenente, que fala regularmente o portu-guêz recebeu-me bem quando me refuguei de um forte temporal para a sua casa.

Abaixo dos Curauá-Tapuya, começam os estabelecimentos dos Arapáço, tribu que igualmente fala o Tucano, em numero de 8, todos colocados diretamente sobre a margem do Uaupés : Paraná-iaúca, Loiro-rapecúma, Micuí-rapecúma, Uaturá-Ponta, Uaramã-Ponta (o unico de importancia), composta de 4 casas, e Iutú-rapecúma. Pelas 5 da tarde chegamos á primeira maloca dos Tariána de baixo, situada a um kilometro de Uaupés, na margem do Tamandúá-Igarapé.

Pela manhã seguinte passamos por uma casinha em frente á ponta inferior da Curupira-Capuáma, habitada por dois irmãos da tribu dos Yi-Tapuya, que tambem falam a lingua Tucano, e encostamos em uma possante maloca Tariána junto da boca do Cigarra-Igarapé. Esta casa media exatamente 20 metros de frente por 30 de fundos, sendo a sua altura não inferior a 10 metros, formando assim um soberbo exemplo de architettura indigena.

Ainda antes do meio dia alcançamos a aldeia Urubúquara na margem es-querda pouco acima da cachoeira do mesmo nome. Ela se compõe de 2 casas em estilo civilisado, uma maloca, uma capelazinha e uma pequena casa para hospedagem do padre que ás vezes visita esta aldeia. Surpreendi os índios ali precisamente no começo de uma festa de cachirí. Na porta da maloca está se dando a recepção dos índios vindos de fôra, enquanto as mulheres estes ainda se pintavam no porto. Os recenvindos formavam uma fileira, um atraz do outro na entrada da maloca, cada um com o seu arco ou com um bastão na mão, o chefe com o escudo e a lança.

Os habitantes masculinos da maloca em formatura identica, vinham deva-gar ao encontro dos visitantes passando rente ao lado direito deles de maneira que cada um de uma fileira pudesse comprimentar cada um de outra fileira e trocar com ele algumas frases convencionaes em lingua que hoje está pratica-mente morta, ainda se conserva sendo em todos os demais casos substituidas pelo Tucano.

Ficando parado na porta, pedi aos índios que não interrompessem a cerimonia. Timidamente, e submissos aproximaram-se de mim os tucháuas para pedir-me desculpa : era a ultima vez que eles festejavam uma festa de cachirí pelo estilo antigo ; era a despedida dos costumes dos seus paes. Assim que ela estivesse acabada iam destruir os seus enfeites de dança e tratar de construir em lugar da maloca casinhas arrumadas, conforme o governo lhes tinha ordenado pela boca de « João Padre ».

Em resposta não pude deixar de lhes explicar que o governo não prohibe as festas dos índios tão pouco como as dos padres e outros civilizados, contanto que não haja desordens ; que eu pessoalmente achava lindissimos os seus enfeites de dança, muito mais lindos que os trapos da civilização e que a sua soberba maloca era muito melhor que as gaiolas dos civilizados. Então o tucháua Baratinha amarrou a sua propria rede para mim num canto da maloca de onde eu podesse observar tudo bem, mandou-me sentar e descansar da viagem, cuidou que eu fosse servido de cachirí convidando-me até para o cápi. De vez em quando ele se sentava um pouco ao meu lado para ouvir a minha opinião sobre o correr da festa. Muito menos simpatico mostrou-se um tal Manduca Silva, chefe da maloca de Cigarra-Igarapé, individuo já idoso, com uma cara de gatuno, metido numa camisa nova e paletot preto, balançando um chapuzinho de palha sobre uma orelha. Falador insuportavel, ele se atravessava adeante de qualquer índio que comigo quizesse conservar, ridicularizando-os como selvagens despreziveis e enchendo-me os ouvidos com uma micelania de ordens do governo, ordens da Missão e decisões do seu proprio bestunto. E' um conversador presumido e intrigante, sem nenhum valor, contra o qual devo prevenir a Inspeçtoria, para que esta não lhe conceda prestigio com prejuizo da autoridade dos chefes Tariáanas.

Na maloca Urubúquara o cachirí era servido por 6 moços festivamente enfeitados. Com uma cuia cheia em cada mão, eles se aproximavam, como coxeando, batendo fortemente com o pé direito e descrevendo voltas, e formavam frente deante dos que estavam sentados, e cada um servia um deles. Neste meio tempo o dono da casa com um escudo no braço, acorrou-se no meio da maloca atraz da panela de cápi coberta de folhas de bananeira. Os homens aproximaram-se de dois em dois, recebendo cada um duas pequeninas cuias de cápi e depois uma cuia de cachirí para tirar da boca o gosto extremamente amargo de cápi. Depois de terem bebido costumavam avançar alguns passos com a lança ou uma vara em riste como se estivessem espreitando alguma coisa.

Batendo de repente fortemente com o pé pareciam eles alvejar um objeto no chão adeante de si, brandindo a arma, voltavam-se para traz. Segundo me explicaram, o cápi evita que os homens briguem quando ficam quentes do cachirí.

Pelas 4 horas da tarde começou a dança. Os homens dançavam de acangatara, mocinhos e mocinhas dedicaram-se com ardor á sua dança predileta ao som da flauta de Pan. O aspecto destes índios, livres dos vestidos ridiculos da civilização, soberbos na sua nudez, realçando pelos enfeites de penas e a pintura, era extremamente belo e pitoresco, e eu não pude deixar de me indagar com

a idéa que esta festa podia ser de fato a última deste genero, porque eu ia me embora no dia seguinte, mas « João Padre » ficava.

Junto a aldeia, o Rio Uaupés divide-se em dois braços. O direito está entupido pela intransitavel Urubúquara- Cachoeira, o esquerdo por onde descemos, estreita-se muito, formando as cachoeiras Paxiúva e Pinipinú, junto das quaes existem tres casas dos índios. Logo abaixo da ilha formada por dois braços começa a grande Ipanoré-Cachoeira.

Já no Pinipinú-Cachoeira foi preciso descarregar e conduzir toda a bagagem nas costas por um varadouro de uns 300 metros. Acima da Ipanoré-Cachoeira tivemos de descarregar novamente. O varadouro tem 200 metros de comprimento e dá num braço estreito e correntoso de rio, junto da boca de um igarapé. Carregando alí a ubá descemos um pouco por este braço mas logo outras cachoeiras o obstruíram e tivemos de levar a carga novamente por terra num percurso de 300 metros, até a margem de outro igarapé pelo qual descemos ao rio, sahindo nele já a vista da aldeia Ipanoré. Com isto está vencida a ultima cachoeira do Rio Uaupés. Ipanoré, situada na margem esquerda do rio, conta 6 casinhas modernas e uma maloca. Em frente, na margem direita, acha-se o sítio Piquiá-Ponta. Os habitantes de todos estes estabelecimentos são Tariána cujo territorio alí se finda. Os de Ipanoré me receberam bem, mas estavam por demais sonolentos em consequencia do cachirí em Urubúquara para me prestar muita atenção.

Deixamos Ipanoré pela manhã do dia 3 de juno, entrando, depois de passar por um sítio dos Pirá-Tapuya no Pirá-miri-Igarapé, no territorio da tribu Tucana, que se estende dalí ao Uaçai-Paraná-miri. Acima da boca do Yauairí, no fim de um enorme estirão de 6 kilometros de comprimento, apareceu na margem direita a missão salesiana de Taracúá.

A fundação dessa missão data de 1923. A primeira vista se reconhece que se trata de uma empresa que dispõe de recursos suficientes para se estabelecer definitivamente. A igreja é seguramente a melhor de todo o Alto Rio Negro. Ao lado dela levanta-se o solido e espaçoso edificio da missão, com diversas dependencias. Num alto, atraz, vê-se o posto metereologico. Em certo contraste com estas construções modernissimas estão as choças dos índios, em numero de 7, colocadas pela beira do rio e que me pareciam muito inferiores ás suas malocas primitivas.

Si porém o meu juizo a respeito da missão de Taracúá tem de ser demasiadamente superficial, a culpa cabe unicamente ao então diretor da missão o Pe. Francisco, que me tratou de maneira como não estou acostumado a ser tratado por outros missionarios.

Quando o procurei, achei-o sentado sobre uma banca de carpinteiro, conversando com dois artifices. Levantou-se, cumprimentou-me, sentou-se de novo e deixou-me ficar em pé, deante dele. Esperei debalde que ele se lembrasse das regras elementares da civilidade, despedindo-me, emfim, pois já estava acostumado a um outro trato pelos índios.

O tucháua Baratinha de Urubúquara, por ex., faria uma boa obra se em-

preendesse uma viagem de missão civil da sua maloca a Taracué, para ensinar a este religioso as idéas fundamentaes do trato entre índios.

Eu mandara os meus remadores preparar o nosso almoço no porto de Taracué, depois desta refeição seguimos viagem. Pouco abaixo da missão desemboca, pela mesma margem, o rio Tiquié ; dos estabelecimentos dos Tucanos neste trecho do rio, afora de Taracué, so Naná-Repecúma, onde pernoitamos, tem alguma importancia. A aldeia situada na margem esquerda compõe-se de 8 mesquinhas choças, em estilo moderno e um rancho de palha, que serve de capela.

Pouco depois das duas horas passamos na margem esquerda a boca do Rio Yauairí, o maior afluente do baixo Uaupés, daquela banda. Longe, no curso superior deste rio estão tres sítios dos Yurupari-Tapuya ligados aos sítios dos Hohódene, no Alto Cubate, por um caminho por terra. As tres e meia aportamos no sítio de Francisco Albuquerque na ilha Yacaré-capuáma. Na margem direita desemboca ali o Cumá-Igarapé, em cujas margens ha uma grande maloca dos Pirá-Tapuya. Como o dono não estivesse em casa, atravessei para o sítio Bela Vista, defronte, na margem esquerda, propriedade de Hyginio Albuquerque, irmão do precedente. Ao lado vê-se um sobrado de tijolos começados pelo pae dos irmãos Albuquerque, cuja morte impediu a conclusão da obra. Um terceiro irmão, Protogenio Albuquerque, habita um pouco abaixo de Bela Vista, na mesma margem, junto da aldeia Yacaré-Rapecúma. Estranha gente, estes Albuquerque ! Eles são os filhos de um dos mais antigos moradores civilizados do Uaupés e de uma índia Pirá-Tapuya. O pae deles deu-lhes algumas instruções, moralmente, porém, parecem estar bastante descuidados.

Sem se envergonhar, como muitos outros em condições iguaes, da sua descendencia, consideram-se, pelo contrario, como pertencentes ao partido dos índios e como seus legitimos representantes, arrogandose isso fato o monopolio de explorar-los, quando o seu genio brutal para isso os impele, mas sem conceder igual « direito » aos outros civilizados. Hyginio recebeu-me hospitaleiramente em sua casa, e devo-lhe muitas gentilezas, mas notei que ele se constrangida na minha presença e que ele respirou denovo quando fui embora. Sem eu fazer a menor alusão, julgouse ele na emergencia de me dar uma satisfação a respeito do pessimo renome de que ele gosa como algoz dos índios. O mais inofensivo dos irmãos Albuquerque pareceu-me o Protogenio.

A maloca Yacaré-rapecúma, dos Pirá-Tapuya, situada na boca do Parauá-Igarapé conta, alem da casa de morada de Protogenio, 3 casas de índios. Um pouco mais acima, na margem oposta, está o sítio do Arsenio, cunhado dos Albuquerque.

A dois kilometros e meio ao Nordéste de Ygarapé-rapecúma existe uma colina rochosa de nome Anayá Iuitéra. Numa caverna ao pé dela acha-se um cemiterio de urnas. Os vasos enterrados superficialmente, serviram para o enterro secundario. Dois dos quatro, que eu vi, estavam cobertos com finos ornamentos pintados, lembrando um os ornamentos de Marajó. Este cemiterio não pertenceu aos antepassados das tribus que atualmente por alí habitam,

mas muito provavelmente a uma tribo Aruak que antes delas ocupava estas regiões.

Dalí para baixo até São Joaquim, não existe mais nenhuma aldeia de índios mas somente sítios de uma ou duas casas. A maioria destes estabelecimentos, que estão em numero de 13, pertence á tribo Deçana, cujos membros, provinidos do Rio Tiquié, habitam 8 sítios. Tres são habitados por Tucano, um por Pirá-Tapuya e um, o último, na ilha Pacuá-sororóca-capuáma pelos Cocuána, que hoje só falam a lingua geral.

Alguns civilisados já se estabeleceram no meio desta população indigena ao lado da maloca Cunurí, dos Deçana, habita um colombiano ; em Pituna-rapecúma levanta-se a casa comercial de João Tombada e em frente de Pacuá-sororóca-capuáma mora, na margem direita, um português.

Pela manhã no dia 10 de junho passamos por São Joaquim, antiga missão dos Cocuána, cujos descendentes ainda habitam espalhados na zona, em numero total de umas 30 cabeças. Uma capela e oito casinhas de palha, levantam se numa terra alta da margem direita. Não encontramos nenhum morador. Estes só habitam as duas casas durante os dias de festas que se celebram na capela e no terreiro da povoação. Junto de São Joaquim, divide-se o Rio Uaupés em braços que desembocam separadamente no Rio Negro, ficando entre eles e este último a grande ilha Cuia-capuáma. Numa das numerosas cavernas da pequena colina Yacundá Iuitéra, na parte oriental da ilha, existe um cemiterio de urnas que eu mesmo de balde procurei e mandei procurar. Escolhendo o braço direito do Uaupés passei pelo sítio Bauarí na margem esquerda habitado por Cocuána e pela ilhota Taracuá-capuáma, onde habita uma familia da tribo Tucána, e depois de vencer sem a maior dificuldade a Tamanduá-Cachoeira, alcancei o Rio Negro ás nove e meia da manhã. Na margem direita deste rio, da boca do Uaupés para baixo até á Carangueijo-Cachoeira existem afora dos sítios dos caboclos filhos desta região que falam a lingua geral, nove sítios de índios emigrados do Uaupés : os habitantes de Yandú são descendentes dos Cocuána ; os de Caíma, Tucunaré e Trovão são Tucáno. Em frente a Trovão, na ilhado mesmo nome, ha um sítio Uanána. Nas duas casas em Paca-rapecúma e no sítio da ilha Sarapó-capuáma, defronte habitam Arapáco. Junto á Carangueijo-Cachoeira, existem mais dois sítios de índios Tucana. Pouco acima de Paca-rapecúma desemboca pela margem direita o Duçupixi-Igarapé. No seu afluente da banda direita, o Siribáya-Igarapé, habita uma maloca, debaixo do tucháua Cristovam, um bando de Macú. Uma segunda maloca desta tribo, a do tucháua Lourenço, fica a duas horas da margem do Rio Negro, nos fundos de Paca-rapecúma. Estes Macús mantem algum comercio com os mencionades emigrantes do Uaupés e com os civilisados vizinhos, e parecem ter perdido em grande parte as suas particularidades caracteristicas. Por causa de uma festa que estava se preparando em São Joaquim não achei ninguem que me quizesse acompanhar até ás suas malocas.

No dia 10 de junho, ás duas horas da tarde, concluí o meu reconhecimento com a minha chegada em São Gabriel.

Belem do Pará, 13 de setembro de 1927.

## II

## AS TRIBUS DE ÍNDIOS.

a) *Estatística.*

Se nas regiões civilizadas do Brasil os trabalhos estatísticos esbarram com a oposição da classe menos culta, dando assim muitas vezes resultados de valor duvidoso, quanto mais entre aqueles índios que visitei, desconfiados devido a gerações de máu trato infligido pelos brancos, a acima disto tudo, postos de sobreaviso por gente malevola quando aos fins do reconhecimento que duia tentar. Dou portanto os algarismos verificados por mim com toda a reserva, na quasi certeza porém de que, se errados estivessem, a diferença importará quando muito, em centenas, mas não em milhares. Pessoas conhecedoras da região as quaes mostrara estes algarismos acharam-os quasi sempre demasiadamente baixos, alegando que eu não tinha visto nada, « que os índios se ocultavam » e « que nestas matas havia milhares e milhares de índios escondidos ». E' porém conhecida a tendencia de pessoas que nunca se deram pessoalmente ao trabalho de tentar uma estatística, para exagerar o numero de índios em toda parte onde os ha.

## Rio Içána (Até Yandú-Cachoeira).

Sítio	Clan	Numero
Grilo-Iuitéra	Yauareté-Tapuya .....	10
Baixo Cubate .	Yauareté-Tapuya .....	15
Alto Cubate	Hohódene .....	20
Yauacaná	Yauareté-Tapuya .....	10
	Yauareté-Tapuya .....	15
Iraiti	Sucuriyú-Tapuya . . . . .	10
Pirayauára	Yauareté-Tapuya .....	30
Castanha-rumaçaua	Yauareté-Tapuya .....	10
Anatí	Yauareté-Tapuya .....	10
Sant'Ana	Yuruparí, Yauareté-Arára-Tapuya.....	40
Iuíra-Ponta	Yauareté-Sucuriyú-Tapuya . . . . .	12
Hecoari	Yuruparí-Tapuya .....	10
São Joaquim Miri	Siucí-Tapuya .....	21
Uácimini-Igarapé	Siucí-Tapuya .....	25
Nazareth	Sucuriyú-Tapuya . . . . .	30
Tapiíra-Ponta	Yauareté-Tapuya X Baniua venezuelanos..	12
Tumuí	Sucuriyú-Tapuya Cadaupurítana.....	12
Seringa-rupitá	Sucuriyú-Tapuya.....	20
Cuyarí-rumaçáua	Sucuriyú-Tapuya.....	15
Yauára-Poço (Cuyarí)	Baniua venezuelanos.....	5
Yacú-Poço (Cuyarí). .	Sucuriyú-Tapuya . . . . .	15

Alto Cuyarí	Siucí-Tapuya . . . . .	15
—	Tatú-Tapuya . . . . .	20
Yapú-Ponta	Sucuriyú-Tapuya . . . . .	6
Parauarí	Cadaupurítana . . . . .	9
Yacaré-Ponta	Sucuriyú-Tapuya . . . . .	10
Acutí-Igarapé	Pacú-Tapuya . . . . .	15
Muxiua-Igarapé	Cadaupurítana . . . . .	3
Pupunha-rupitá	Hohódene . . . . .	40
Euauíca (Paumarí-Ig.)	Acutí-Tapuya . . . . .	6
Tiripiana (Paumarí-Ig.)	Acutí-Tapuya . . . . .	15
Total abaixo da Yandú-Cachoeira . . . . .		481
Total acima da Yandú-Cachoeira . . . . .		100

## Rio Ayarí.

Sítio	Clan	Numero
Rio Quiarí (4 sítios)	Siucí-Tapuya . . . . .	50
Cara-Igarapé	Hohódene . . . . .	15
Taracuá (Miriti-Igarapé)	Hohódene . . . . .	6
Paxiíua (Miriti-Igarapé)	Hohódene . . . . .	2
Carará (Miriti-Igarapé)	Hohódene . . . . .	8
Uirá-uaçu-Igarapé	Cáua-Tapuya . . . . .	11
Iuíra-Igarapé	Cáua-Tapuya . . . . .	6
Murutinga-Igarapé	Cáua-Tapuya . . . . .	8
Cururú-Poço	Siucí-Tapuya . . . . .	25
Mitú-Poço	Siucí-Tapuya . . . . .	7
Araripirá-Cachoeira	Siucí-Tapuya . . . . .	12
Nambú-Ponta	Siucí-Tapuya . . . . .	10
Capi-Ponta	Cáua-Tapuya . . . . .	20
Uapuí-Cachoeira	Hohódene . . . . .	115
Ucuquí-Cachoeira	Siucí-Tapuya . . . . .	13
Carayurú-Cachoeira	Hohódene . . . . .	15
Seringa-Cachoeira.	Hohódene . . . . .	20
Muçú-Itapéua	Yiboya-Tapuya . . . . .	14
Cubiu-Lago	Uanána . . . . .	7
Pinima-Igarapé	Yauára-Tapuya . . . . .	5
Cipó-Poço	Yiboya-Tapuya . . . . .	7
Pará-miri-Igarapé	Yiboya-Tapuya . . . . .	3
Castanha	Yiboya-Tapuya . . . . .	11
Yacundá-Igarapé	Yiboya-Tapuya . . . . .	7
Yautí-Cachoeira	Yiboya-Tapuya . . . . .	5
Tapurú-Igarapé	Yiboya-Tapuya . . . . .	6
Sacú-Igarapé	Yiboya-Tapuya . . . . .	8
Total . . . . .		416

Toda a bacia do Rio Içána com seus afluentes possuem portanto uma população indigena de 1.055 almas ; não existe nela um único civilizado. Em 1903 calculou Koch-Gruenberg o numero de índios nesta mesma área em 2-3.000 ; estes ficaram por conseguinte reduzidos nos últimos 24 anos á metade, ou mesmo a um terço do seu numero.

Sobre os índios do Rio Uaupès só tomei apontamentos estatísticos talhados até a região de Yauareté inclusivamente, não o podendo fazer dali para baixo por não dispor mais dos meios para a demora necessaria.

Alto Rio Uaupès  
(Do Querarí a Yacitára).

Sítio	Clan	Numero
Yaburú-Capuáma (Querarí)	Yiboya-Tapuya ..	13
Carapaná-Igarapé	Uanána .....	10
Taracuá	Uanána .....	9
Tainha	Uanána .....	7
Seringa-Igarapé (Colombia)	Uanána .....	9
Yutica	Uanána .....	58
Cápi-Igarapé	Uanána .....	10
Yacaré-Cachoeira	Uanána .....	10
Matapí-Cachoeira	Uanána .....	14
Carurú	Uanána .....	34
Yandú-Cachoeira	Uanána .....	13
Tayaçú-Poço	Uanána .....	10
Periquito-Cachoeira (Colombia)	Uanána, Pirá Tapuya .....	10
Panapaná	Yuruparí-Tapuya .....	12
Acará-Capuáma	Yuruparí-Tapuya .....	13
Uariua-Igarapé, (Colombia)	Tariána (Yuruparí-Tapuya) .....	10
Yapecú-Igarapé	Yuruparí-Tapuya .....	3
Total .....		245

Sítio	Clan ou Tribu	Numero
Mirá-pirera-Ponta	Uça-Tapuya .....	15
Prato-Igarapé	Uçá-Tapuya .....	15
Paranapaná-Igarapé (Colombia)	Uçá-Tapuya .....	8
Umarí-Cachoeira	Uçá-Tapuya .....	44
Umarí-Igarapé (Colombia)	Pirá-Tapuya.....	11
Tauá-Itapeua	Tariána .....	8
Uacuruáua-Ponta	Tariána.....	16
Uiripipi-Tapera	Tariána.....	6
Anayá-rúa (Colombia)	Tariána.....	12
Uirá-Uaçú	Tariána.....	20

Tomé-Ponta	Tariána.....	221
Tocador-Ponta	Tariána.....	17
Pinupinú	Tariána.....	16
Yapurá-Ponta. Rio Papurí	Tariána.....	20
Yauareté	Tariána.....	51
Mandí-Ponta	Tariána.....	9
Uirá-Uaçú-Ponta	Tariána.....	15
Arapáço-Ponta	Tariána.....	48
Araripirá-Cachoeira	Tariána.....	20
Yuí-Igarapé	Pirá-Tapuya.....	20
Yuacáua-Igarapé	Macú ..	20
Yacitára	Pirá-Tapuya.....	617
Total .....		96
População de seis sitios do lado colombiano .....		60
Índios do Alto Uaupés em territorio brasileiro.....		575
Índios do Alto Querarí em territorio brasileiro.....		58
Índios do Rio Papurí em terrotorio brasileiro.....		150
Índios do Rio Tiquié . . . . .		300
Índios do Baixo Uaupés .....		500
Índios do Uaupés estabelecidos acima de São Gabriel.....		150
Índios do Curicuriari, Téya e Yurubarí.....		300
Índios do sertão da margem esquerda do Alto Rio Negro.....		200
Índios do Rio Içana e afluentes.....		1.000
Numero total dos índios da parte brasileira da bacia do alto rio Negro.		3.226

Neste calculo não está incluído o numero dos caboclos da língua geral, já incorporados na população civilisada do municipio de São Gabriel e das partes adjacentes do municipio de Barcelos, nem tampouco aquele dos índios do Içana e Uaupés que trabalham nas propriedades dos civilisados no Rio Negro, e cujo numero deve montar em diversas centenas.

Seria interessante uma confrontação da minha estatística do Rio Uaupés, com a de épocas anteriores. Infelizmente os missionarios só nos deixaram uma estatística dos seus estabelecimentos sem se referir ao numero dos índios fóra deles, e Koch Gruenberg nenhuma opinião deu a respeito da população total de Uaupés; de estatísticas parciaes podemos, porém, inferir que o decrescimento da população tem sido enorme. Basta para isto lembrar o caso da tribu Uanána já citada na descripção da viagem pelo Uaupés.

#### b) *Estratos de cultura.*

Até a presente época distinguem-se claramente na região do Alto Rio Negro tres camadas de civilização indigenas, correspondendo cada uma a principio a determinadas familias linguisticas e representando tres fases da historia desta região. No correr dos séculos de contacto destas tres deram-se naturalmente

numerosos fenómenos da aculturação, apagando em parte as linhas divisorias entre as diversas camadas.

A primeira população destas terras parece ter sido formada por hora das poucas numerosas de uma cultura extremamente rudimentar, desconhecendo a princípio a cerâmica, a arte textil, a navegação, a lavoura e as construções permanentes, levando uma vida errante pelos centros da mata. Hoje os seus representantes, os pacíficos Macú dos centros, entre os afluentes grandes do Uaupés e dos outros tributários da margem direita do Rio Negro, e os Uaicá e Xiriána, em parte hostis nos sertões da margem esquerda do mesmo rio, já se acham profundamente influenciados pela cultura da segunda camada, da qual porém se conservam até hoje nitidamente separados.

Este segundo estrato é formado de tribus portadoras de uma das culturas mais adeantadas desenvolvidas por índios da região da mata tropical. Esta cultura caracteriza-se especialmente pelo alto desenvolvimento da arte cerâmica, da lavoura, especialmente da mandioca, e da arquitectura das malocas, consequencias estas de uma vida sedentária, pelos usos das ubás, das carauatánas, dos escudos e das redes de fibras de tucum (porquanto lhe falta a cultura do algodão). Estas tribus eram divididas em clans exogâmicos com sucessão em linha paterna, professam o culto do Kóai-Yuruparí e usavam primitivamente o enterro secundário em urnas, depositadas em cavernas. Procuravam para os seus estabelecimentos as margens dos rios grandes ou menos as dos igarapés navegáveis. Como até agora nunca achei os vestígios desta cultura a maior profundidade abaixo da superfície da terra, julgo que o seu apreçamento não data dos tempos excessivamente remotos, não remontando talvez além do começo da era cristã.

A sua invasão deu-se em ondas migratorias vindas successivamente em sentidos diversos. A primeira, vinda do Norte era formada pelas tribus Aruak, irradiando do antigo centro desta familia na região do Alto Orenoco e Guainia. Dela fizeram parte os Baré do Alto Rio Negro até a boca do Teya, os Manáo dalí para baixo até o Urarirá, os Uarequena do Rio Xié e Baixo Içána e os chamados Baníua da bacia deste último rio, divididos em dez clans : Yauareté, Yuruparí, Arara, Sucuriyú, Siucí, Tatú, Ira, Ipeca, Tapiíra e Coati-Tapuya.

As primeiras hordas Macú desta região sofreram uma completa aculturação a estas tribus superiores, indicando a tradição ainda hoje como descendentes deles os Cadaupurítana, quase extintos, de Tumuí e os Hohódene, ainda numerosos e atualmente em nada inferior aos demais clans dos « Baníua do Içána ».

Nomes geograficos em lingua Aruak e a existencia de cemiterios de urnas, provam que tribus desta familia ocuparam, temporariamente tambem o Rio Uaupés, onde tiveram de ceder á segunda onda migratoria formada pelas tribus da familia linguistica Tucána, vinda do Oéste. A julgar pelos seus parentes no Içá e Napo, estas tribus possuiram uma cultura inferior á dos Aruak, aculturando-se porém tipos mais grosseiros. Comtudo ficou ainda uma diferença sensível entre duas familias : as grandes « flautas de surubí » e o alto desen-

volvimento da arte cerâmica só se encontra entre os Baniua do Içana ; as danças de máscaras e a fabricação de banquinhos caracterizam a família Tucána, representada pelas tribus seguintes : os Cobéuas do Alto Uaupés, divididos em 24 clans. No Querarí, os Dyuremawa, Dyaniwa, Koaitarabewi, Biówa, Tóliawi, e Kawikuliwa. No Uaupés entre a boca do Querarí e a do Cuduyarí os Waliwa, Crabawa, e Miaráwa. No Cuduyarí os Ambomamára, Pialawa, Ilheadówa, Kalówa, Hehénawa e Bahúkiwa, Pedikwawi, Piándokawi, Heliwa e Aweea. No Uaupés acima do Cuduyarí os Ucuwaiwa, Kohakolobewa, Papiwa, Buóibowa, e Hulélaliwa. O seu numero total pode montar numas 500 cabeças, das quaes só umas 120 pertencem especialmente ao clan Dyurémaua (Yiboya-Tapuya), habitam em territorio brasileiro, ocupando o Alto Ayarí, e a margem esquerda do Querarí. Abaixo dos Cobéua habitam no Uaupés os Uanána. Das suas sédes primitivas no Rio Papurí se espalharam os Pirá-Tapuya e Deçána até o baixo Uaupés. No Papurí, no Tiquié e dali para baixo habita a tribu Tucána com as suas tribus dos Uçá, Curauá, Yi-Tapuya (Baré).

Até a presente data continua a expansão das tribus desta familia. A tradição designa ainda como « Baniua » as clans do Rio Querarí que hoje só falam a lingua Cobéua, e foi já linguisticamente e culturalmente tucanisado o clan Dyuremáwa (Yiboya-Tapuya) estabelecido ainda em 1904 integralmente no Querarí, emigrante para o Alto Ayarí, com excepção de uma maloca. A tribu Tucana, propriamente dita estendeu-se tambem em época recente sobre a margem do Rio Negro entre a foz do Uaupés e São Gabriel e sobre o Rio Curicuari.

Já em tempos relativamente modernos deu-se porém uma segunda emigração de elementos Aruak para o Rio Uaupés : a invasão dos Tariána.

Segundo a sua tradição habitavam eles dantes na Uapuf-Cachoeira do Rio Ayarí de onde emigraram, descendo ao Uaupés pelo Arára-Igarapé e estabelecendo-se em Yauareté, de onde expulsaram os Tucano debaixo de lutas sangrentas. Dali nasceu mais tarde uma fração da tribu Tariána para se fixar em Ipanoré. Calculo que esta invasão se deu no decorrer do século XVIII. Os Tariána ganharam uma certa supremacia no Uaupés, avassalando as tribus vizinhas dos Yuruparí e Pirá-Tapuya e parte dos Macús, estado este que se prolongou, ao menos teoricamente, até os nossos dias. Hoje esta mais nobre das tribus do Uaupés está se tucanisando cada vez mais, já tendo abandonado por completo o uso da sua lingua antiga, trocando-a pela Tucána.

As tribus da familia Tucána e os Tariána exercem forte influencia sobre a cultura dos Macús da bacia do Uaupés, ao ponto de certos bandos deste não se distinguir mais dos seus mestres senão pela lingua e pela sua inferioridade social.

Diversos clans dos Cobéuas são aportados com descendentes dos Macús, e o nome de um deles, Okódyboroa, segundo Koch-Gruenberg, significa Macú (Borówa) dos Uanána (Okódyiwa).

A terceira camada de cultura é um produto híbrido, formado pelo contacto da cultura do segundo estrato com a civilidade europeia desde o século XVIII

para cá. De fóra ela adotou especialmente as formas exteriores do catolicismo os vestidos, as ferramentas e as armas dos civilizados e o uso da lingua geral, introduzido tambem por estes e os seus sequazes semi-civilizados. Da antiga cultura dos Barés e outras tribus parentes, ela conservou o culto Kóai-Yuruparí, as festas de dadivas (dabecuri) e numerosas pequenas industrias caseiras das quaes ele devolveu em alto gráu a fabricação de redes de tucum. O foco desta cultura são as margens do Rio Negro no municipio de São Gabriel de onde ela irradiou pelo Içána e Uaupés a dentro, influenciando a cultura precedente e fazendo-se sentir no primeiro até á boca do Ayarí e no segundo até as primeiras cachoeiras, mais ou menos.

### III

#### ESBOÇO LINGUISTICO.

##### a) *A Lingua geral.*

Excepção feitas dos adventicios na presente geração, toda população civilizada do Municipio de São Gabriel, branca, mestiça, ou india usa entre si a lingua geral. A grande maioria dos homens fala tambem ao menos sofrivelmente o portuguez, mas não deixa de existir um bom numero que o falam bastante mal. Entre as mulheres as que se expressam bem em portuguez parece-me estar na maioria, mostrando uma forte porcentagem delas visível repugnancia de usa-lo.

A lingua geral tem por base um dialeto tupí, mutilado gramaticalmente pela ignorancia e preguiça mental dos conquistadores e « enrequecido » por uma infinidade de palavras portuguezas e formas gramaticaes que procuram assemelhar-a á lingua des conquistadores.

1. Mutilações foneticas : a lingua geral do Rio Negro perdeu todos os sons proprios da lingua tupí ; a sua fonesia é a portuguezá. Mesmo o i gutural que o dialeto do Solimões ainda conserva, ao menos em determinados casos, foi mudado em *i* ou *e*, como os sons portuguezes. Assim em lugar de ibitira-serra, dizem iuitéra, o *h* aspirado foi omitido completamente.

2. Mutilações gramaticaes : uma completa lista delas seria demasiadamente longa. A ignorancia dos civilizados despojou o tupí de quasi todas as suas formas carateristicas, muitas vezes tão elegantes e concisas, uma vez que estes não tinham formas correspondentes em portuguez. Assim a lingua geral perdeu o plural coletivo em- - cuera, a forma exclusiva do pronome pessoal da primeira pessoa do plural : oré ; os pronomes de relações oró — eu te. . . . e opó - - « eu vos », o prefixo reflexivo ye- e o reciproco yu- numa só forma correspondente ao « se » do portuguez desconhece o futuro verbal em — ha ; aboliu as desinencias do passado, futuro e futuro mixto dos substantivos e participios, - - cuéra- - ráma, ranguéra e cueráma, dos quaes só persistem alguns casos do

emprego de cuéra ; substituiu o prefixo da segunda pessoa do imperativo e — pelo prefixo pronominal ere- -, e cessou de servir-se do gerundio em bo do participio temí- - (salvo casos raros sobreviventes) e — pira, o participio passivo em- pira, os prefixos verbaes ro- - e poro- - e o permissivo em t-.

3. Neologismos lexicologicos : são numerosissimas as palavras emprestadas ao português, as mais das vezes sem a menor necessidade. O dialeto do Rio Negro, ultrapassa neste vicio ainda o Solimões. Assim temos na lingua geral : cachoeira por itú (tupí), ponta por supitá, lago por ipáua, poço por cuára, etc. Como substituíram entre outras tambem a palavra apicáua pelo português « branco » vemos no mapa acima de Yutica o « Branco-Lago » formado de duas palavras genuinamente portuguêsas, mas compostas pela regra de relação do tupí, segundo a qual em taes casos o nome generico precede ao qualificativo. A nomenclatura geografica da bacia do Alto Rio Negro está cheia de absurdos destes que eu conservei escrupulosamente no meu croquis porque, estando em uso geral, caraterisam a época em que este foi feito.

4. Neologismos gramaticaes : este é, como o precedente, o capitulo mais grotesco da lingua geral. Como em tupí só existe o plural coletivo que a lingua geral omitiu por não ter o seu correspondente em português, criaram um plural á moda desta última lingua, empregada para tal fim o adjetivo setá-muitos (isto é, depois para cima) na forma corrompida itá. Não havendo em tupí nenhum artigo, empregam como artigo indefinido o numeral yepé- - I, o que em tupí daria o sentido de « somente » acima referido, formaram itá- « eles », usando o mesmo com prefixo possessivo junto do substantivo : aité-igara- - « A canôa deles ». A maneira do presente da atualidade de português criaram uma forma composta com o verbo icú, « estar », eu estou passeando. Em lugar do permissivo optativo em t- - inventaram uma forma composta com interjeição portuguêsá « tomara » : tomara xa yuca- - « oh se pudesse matal-o ».

E foi este jargon ridiculamente corrompido que o P. C. Tastevin (La langue apihiya, Viena, 1910) tomou como prototipo da lingua tupí, corrigindo por ele os « erros » contidos nas obras de Montoya, Figueira e outros.

Como a tendencia para taes mutilações e « enriquecimentos » hoje se manifesta com intensidade cada vez maior, a lingua geral, aproxima-se rapidamente ao último gráu de corrupção de um « jargon » que está prestes a extinguir-se. E não merece ela outra sorte, ao meu vêr, porque a lingua geral do Rio Negro não é absolutamente, como muitos pensam, a « lingua dos índios » mais sim a lingua dos « brancos ». Sem a chegada dos civilizados do Rio Negro ninguem alí falaria este jargon, pois desde a sua boca até as ultimas cachoeiras dos seus afluentes não ha noticia de uma única tribu que estivesse sido de filiação linguistica tupí : das margens do Rio Negro não possuímos nenhum vocabulario que não documentasse claramente o dominio exclusivo das linguas da familia Aruak alí : o Baré (9 documentos de diversos autores), o Manáo (vocabulario de Spix), o Cariahy (vocabulario do mesmo autor) e os Bahuána (apontamentos do autor deste trabalho). Os introdutores da lingua geral do Rio Negro foram os conquistadores portuguêses e os índios domesticados oriundos do Pará, seus

sequazes. Ainda hoje é espantosa a facilidade com que portuguezes semicultos aviados da casa J. G. Araujo, a empregam no trato com os índios, « sacados » do Uaupés, mesmo numa região onde ele não corre entre os moradores do lugar, convencidos de que ela é a lingua dos índios, e a naturalidade com que estes mesmos índios aprendem na honesta convicção de ser ela a lingua dos « brancos ». A lingua geral não deve a sua expansão a uma necessidade historica inevitavel, mas á preguiça mental da população inculta de ambas as partes. Mil vezes melhor se tivessem ensinado desde o começo nos índios a lingua portuguesa, mesmo imperfeitamente, porque seria capaz de um aperfeiçoamento ; a lingua geral, pelo contrario, só se pode corromper cada vez mais, de geração em geração. Que a intelligencia do índio emfim é muito sufficiente para ele aprender uma lingua latina provam os índios colombianos e venezuelanos que, sem o intermedio de uma lingua geral, aprenderam o castelhano.

Muito menos ainda do que no Rio Negro é a lingua geral a « lingua dos índios » nos seus afluentes Içána e Uaupés. Os dialetos « Baníua » desde primeiro rio assemelham-se tanto entre si que aos diversos clans se entendem facilmente. No Uaupés porém, os índios de linguas profundamente divergentes se entendem por meio de lingua tucana. Tanto num como no outro rio porém a maioria dos homens ao menos conhecem mais ou menos bem a lingua geral e se serve dela exatamente lá onde devia empregar a lingua portuguesa : no trato com os civilizados.

#### b) *As linguas Aruak.*

1. « Baníua » do Içána. -- Quando Koch-Gruenberg em 1903 estudou os índios deste rio pertencia toda a sua bacia ao dominio desta lingua ; hoje porém, é preciso exceptuar a Alto Ayarí, invadido por índios da nação Cobéua, vindos do Querarí, afluente do Uaupés. Este Baníua do Içána diverge profundamente de Baníua verdadeiro falado pelos índios do mesmo nome nas visinhanças de Maroa e Sam Fernando de Atabapo, na Venezuela. Nem a Koch nem a mim foi possível descobrir qual era o verdadeiro nome daquela nação e da sua lingua. O seu dominio se estende tambem por uma parte do Alto Guainia, e so há poucos anos se retiraram os seus representantes do Papanáua, afluente do Rio Inírida. Este idioma pertence á familia linguistica Aruak, sendo os seus parentes mais proximos o Uarequéna, falado dantes no Rio Xié, o Piapóca e no Rio Guaviare, e outros dialetos da Venezuela e da parte adjacente da Colombia. Todavia a diferença entre a lingua « Baníua » do Içána e a lingua Baré, sua visinha para o lado do Rio Negro é bastante grande, se bem que ambas pertencem á mesma familia linguistica.

Como todas as linguas desta familia, o Baníua do Içána é suave, não possui quasi vogaes guturaes. Na boca dos índios reconhece-se ela facilmente pela pronuncia dos constantes combinados ts, th e ph. Entre os carateristicos gramaticaes das linguas Aruak é um dos melhores a distincção de 2 ou mesmo 3 generos que se manifestam no pronome e no adjetivo.

Na lingua Palikur (região do Oyapock) parente proximo do Baré, determinei tres ; a lingua Baniua de Içána só possui dois : Ipéca-Tapuya : ele- -Hría, a mão dele- - ri-kápi, ele é bonito- - matsiádari, ele-slúa a mão dela- - ru-kápi, ela é bonita- - matsiádari. A lingua Baniua do Içána dividi-se em tres dialetos ligeiramente diferenciados na pronuncia e em alguns vocabulos. O primeiro, denominado « Carutána » pelos seus vizinhos<sup>1</sup> é falado pelos clans dos Yauareté, Yuruparí, Urubú e Arára-Tapuya do Baixo Içána. O segundo dialeto é falado no medio Içána, até pouco além da suposta fronteira colombiana, no Ayarí. Os seus representantes são os clans Cadaupurítana, Sucuriyú-, Siuci-, Acuti-, Cáua-Tapuya, e Hohódene<sup>2</sup>.

O terceiro e mais divergente é falado principalmente em territorio colombiano onde ele é designado com o nome « Coripaco », e no Alto Içána, Alto Guainia e Alto Cuyarí pelos clans Pacú-Tapuya, cujos restos se mudaram ultimamente para o Acuti-Igarapé, afluente do Içána em territorio brasileiro, os Coatí, Tapiíra-, Ipéca-, e Tatú-Tapuya, estes no Alto Cuyarí talvez em parte em territorio brasileiro, e os Yauareté-Tapuya no Guainia, em territorio venezuelano, diferentes dos índios do mesmo nome no Içána<sup>3</sup>.

No Uaupés teve a lingua « Baniua » do Içána um proximo parente na lingua Tariána falada dantes pelos índios do mesmo nome e seus vassallos os Yuruparí-Tapuya, hoje porém praticamente extinta e substituida pela Tucana.

Não só ali como em todas as fronteiras vemos a lingua « Baniua » em regresso. Ainda hoje são tidos como antigos « Baniua » os clans dos Querarí que só falam atualmente a lingua Cobeua. De 1903 para cá, estes índios invadiram o Alto Ayarí estendendo assim o dominio da lingua Cobeua para dentro da bacia do Içána. Daquela mesma data para cá efetuou-se o abandono do Papunáua pelos Coatí-Tapuya e pelo Baixo Içána está se estendendo o uso da lingua geral.

2. Uarequéna. — Esta lingua está hoje quasi extinta, pois os poucos sobreviventes desta tribu habitam esparsos na maioria em territorio venezuelano, no Guainia (Gusman Blanco e vizinhanças) e adotaram a lingua Baniua verdadeira dessa região ou a castelhana. No rio Içána não existe nenhum representante e no rio Xié, sua patria primitiva só habita uma familia vinda já da Venezuela. Uarequéna é um membro proprio da familia Aruak<sup>4</sup>. Ela assemelha-se mais ao Carutana, mas não é um dialeto do « baniua » do Içána.

3. Baré. — Hoje esta lingua ainda é falada em territorio venezuelano, em São Carlos, no Guainia, e no Cassiquiare. No Brasil onde ela antigamente se estendeu pelo Rio Negro abaixo até a ilha de Timini, na boca do Teya onde ela confinava com o Manáo, está ela hoje praticamente extinta e substituida pela lingua geral. Ainda existem, porém, segundo me informaram, pouco abaixo de São Gabriel, dois pagés velhos, organizadores dos « dabacurís » daquela zona,

1. Cf. NIMUENAJÚ, *Idiomas indigenas do Brasil*. Revista del Instituto de Etnología. Tucumán, t. II, nº 3, 1932, p. 596.

2. Cf. NIMUENAJÚ, *op. cit.*, p. 598, 601, 602, 604 et 609.

3. Cf. NIMUENAJÚ, *op. cit.*, p. 610-618.

4. Cf. NIMUENAJÚ, *op. cit.*, p. 594-595.

que nestas festas usam de cantigas em lingua Baré ; infelizmente não pude mais verificar de perto este fato interessante.

Martins (Beitraege I, p. 624-625-581) considera o Baré como uma ramificação do Manáo, uma giria composta dos mais diferentes elementos. Um exame do material linguístico não comprova porém esta opinião : o Baré<sup>1</sup>, é um legítimo e bem caracterizado membro da familia Aruak e muito diferente da lingua Manáo, hoje completamente morta, mas da qual possuímos algum material colhido por Spix e outro publicado por Brinton.

Segundo uma observação de Natterer parece ter havido dois dialetos do Baré : Ihini e Arihini, tendo aquele viajante em 1831 tomado vocabularios de ambos, que infelizmente se perderam.

Aliás estes dois nomes parecem significar nada mais que « os de lá » e « os de cá ». Um outro dialeto da mesma lingua é o antigo idioma da tribu Guináu, cujos poucos sobreviventes ainda hoje existem pelo meio da tribu dos Maiongóng, no Alto Caura, Ventuari e Auari.

Nomes geograficos provam tambem que a lingua Baré ou um dialeto muito aparentado se estendia antigamente pelo baixo Içána, mais tarde ocupado sucessivamente pelos Uarequena e Carutana Baniua.

### c) *A familia linguistica Tucana.*

Com excepção das pequenas enclavas formadas pelas hordas Macús de linguas alophylas, toda a parte brasileira da bacia do Uaupés é dominio das linguas da familia Tucana que dali se estende até muito alem das fronteiras, pela Colombia e as partes adjacentes do Perú e do Equador a dentro.

Ultimamente os seus representantes se estenderam tambem sobre uma pequena parte da bacia do Içána, ocupando os Yiboya-Tapuya o curso superior do Rio Ayari.

Alí no Uaupés não se trata sómente de dialetos pouco diferenciados, como os da lingua « Baniua do Içána », mas sim de sete linguas distintas, se bem que aparentadas<sup>2</sup>.

1. A lingua Cobéua que é a mais divergente, falada em territorio brasileiro pelos habitantes da margem esquerda do Querari e do Alto Ayari, pertencentes aos clans Dyurémawa (Yiboya-Tapuya), Dyániwa, Koaitarabewi, Biówa, Kawikuliwa, antigos Baniuas, tucanisados há muito tempo.

O nome Cobéua vem da negação « kebeu » desta lingua ; eles mesmos se chamam Kaniwa na sua totalidade, e não Hehénawa, como supoz Koch-Gruenberg que tomou o nome de um dos seus clans, estabelecidos no Rio Cuduyari pelo nome da tribu toda. A lingua Cobéua não chegou a formar dialetos conforme verifiquei tomando vocabularios dentro de seus 24 clans (Dyuremawa, Hehénawa, e Bahukiwa).

1. NIMUENDAJÚ, *op. cit.*, p. 590-592.

2. Par suite d'une omission dans le manuscrit, la liste ci-dessous ne comprend que six rubriques.

2. A lingua Uanána que é também a mesma em todas as aldeias desta tribo cuja autodenominação é Kotedia.

3. A lingua Deçana que formou diversos dialetos tomado com Deçana do baixo Uaupés, vindos há anos do Rio Tiquié. O nome proprio desta tribo é Waná.

4. A lingua Tucana a mais importante da familia toda pela sua extensão, e que de mais a mais está se tornando a lingua geral dos índios Uaupés, desde o dominio da lingua Cobéua até o curso inferior deste rio. Ela é falada também pelas tribus dos Arapaço, Curauá, Uça, Yi e Mirití-Tapuya de origem desconhecida, e pelos Yuruparí-Tapuya e Tariána que dantes falavam um dialeto do « Baniua » do Içana. Os Tucana denominam Daxêa a sua tribo.

5. Os Tuyúca-Tapuya ou Doxkáfua.

6. Os Poçangas-Tapuya ou Baré, duas tribus do Alto Tiquié falam linguas que mais se aproximam ao Tucano propriamente dito, segundo o material colhido por Koch-Gruenberg.

Debalde tratei de alguma tradição a respeito da lingua Coeuána ha gerações extinta. Um vocabulario dela tomado por Natterer em 1831, perdeu-se. Em Yacaré-rapecúma informaram-me que os Coeuána a principio formaram uma horda de Macú na margem esquerda do Baixo Uaupés, nos fundos daquela aldeia, e que mais tarde foi aleiada em São Joaquim. Os seus descendentes só falam hoje a lingua geral.

As linguas da familia Tucána formam contraste com o « Baniua » pelos seus numerosos vogaes e consoantes guturales e pela aglomeração de consoantes.

Especialmente a lingua Manáo é caracterizada por esta última circunstancia, encontrando nela palavras com Pxcaká-fogo. Gramaticamente são as linguas destas familias notaveis pelas grandes riquezas de forma de verbo. Segundo o Dr. P. P. Koch (Ensaio de Gramatica Degaeje, Wien) o verbo tucano possui ativo, passivo, interrogativo e reciproco. Cada genero tem 5 modos : Indicativo, Condicional, Imperativo e Participio (presente, passado e futuro) e Optativo. Cada modo tem 4 modalidades : atualidade, indicação do lugar presente, indicação do lugar ausente, e indicação de dúvida. Cada modalidade (exce tuada a da atualidade) tem 3 tempos : presente, passado e futuro. Cada tempo tem 4 formas especiaes : simple, indefinida, exclusiva, disjunctiva ou sucesiva e inclusiva. Cada forma especial tem finalmente 7 pessoas : singular 1, 2, 3 masculino, 3 femenino, plural 1, 2, 3. Há porém só um schema de conjugação.

#### d) *As linguas Macú.*

O nome Macú ou Maco foi dado em cada menos que seis logares diferentes da Colombia, Venezuela e do Brasil e índios entre si completamente independentes. Assim temos os Macos, subtribu da extinta nação dos Cofane, nas cabeceiras do Auarico, no extremo sudóeste da Colombia de cuja lingua não temos documentos; os Macú pertencentes a familia linguistica Sáliba, na Venezuela na margem direita do baixo Ventuari; os Macú, pequena tribo da lingua isolada

no Auari, braço que forma com Parime o Rio Uraricuéra; os Macú brabos, nome que se dá no Brasil aos bandos de Xirianá ou Uaicá hostís que vagueiam pelo sertão dos afluentes da margem esquerda do Alto Rio Negro. Neste capítulo tratarei da lingua dos chamados Macú mansos, espalhados pelos centros da mata entre os afluentes e sub-afluentes da margem direita do Rio Negro, desde o Uaupés até o Yurubaxi. Basta olhar uma vez para a pequena tabela anexa para reconhecer pelo aspecto dos vocabulos que alí se trata de dialetos inteiramente estranhos aos idiomas precedentes da familia Tucana e Aruak<sup>1</sup>. Resulta logo á vista a grande porcentagem de monosilabos e a frequencia de finaes consoantes (b, bm, g, gn, dn) enquanto nas linguas Tucanas e Aruak o final é sempre vogal. Estes dois fenomenos dão aos dialetos Macús exteriormente um ar de parentesco com as linguas da familia Gê do Oéste do Brasil, mas que não se comprova nem lexicologicamente, nem gramaticalmente. Os seus dialetos Macús, até hoje documentados (do Papurí, do Tiquié, de Yauareté, do Ducupixi-Igarapé, do Curicuriari e do Yurubaxi apresentam entre si em parte notaveis diferenças lexicologicas, e, ao que parece, tambem algumas gramaticaes, provavelmente em consequencia do isolamento em que vivem os diversos bandos entre si, e da influencia de visinhos de linguas diversas. Só de um dialeto (o do Papurí) existe um material suficiente para um primeiro esboço gramatical (Nouvelle contribution à l'étude de la langue Macú por P. P. Rivet, P. Koch e C. Tastevin, International Journal of American Linguistics. III N. York, 1935) : segundo este trabalho a lingua Macú possui um sufixo de plural e um desinencia feminina (ei-mulher, irmã maior) subfixa ao pronome da conjugação dos verbos quando a ação se refere a um femenino. Nota-se certa abundancia na formação de substantivos, adjetivos e verbos derivados uns dos outros.

Assim formam-se verbos com sentido de substantivos e adjetivos pela adjunção do verbo auxiliar nií. Substantivos são formados de verbos pelo sufixo -T-. Destes substantivos formam-se adjetivos juntandose-lhes uyup, participo presente de uyui- « estar », e por processo semelhante pela adjunção de utuyup- « estando com... » formação de verbos e substantivos outros verbos e substantivos com o sentido de « lugar » ou da « origem ». Um estranho processo de incorporação do substantivo no seu adjetivo tem a lingua Macú em comum com a visinhança da Tucana :

Macú : tsi-hote-pe, passarinho (tsipe-pequeno, hote-passaro).

Tucana : Kanwii-aka- casinha (kangaka-pequeno, wii-casa).

Já Koch-Gruenberg, colhendo em 1904 o primeiro material destas linguas, notou porém a semelhança do seu habitus com o da lingua Puináve do Rio Inirida. Há a mesma tendencia para o monosilabismo e os mesmos carateristicos finaes consoantes. P. Rivet (Affinités du Makú et du Puináve, par P. Rivet et C. Tastevin. Journal de la Société des Américanistes de Paris, XII, Paris, 1920) examinou esta semelhança mais detalhadamente verificado então não só um parentesco lexicologico numa serie de vocabulos como tambem uma indubitavel semelhança nos pronomes. Foi a única relação que até hoje se conseguiu estabelecer para as linguas Macú.

1. Ce tableau ne nous est pas parvenu.

## III

## INDIOS E CIVILISADOS.

O capitulo tragico da historia de toda America do Norte a do Sul, — tenebroso e triste tambem na historia do Alto Rio Negro, mais do que em qualquer outra parte dom Brasil por mim conhecida achei no Içana e Uaupés as relações entre os índios e os civilisados, os « brancos », como alí se diz, irremediavelmente estragadas : um abismo abriu-se entre os dois elementos, á primeira vista apenas perceptivel, encoberto pelo véu de um modus vivendi arranjado pelas duas partes, mas mostrando-se logo em toda a sua profundidade intransponivel assim que se trata de conquistar a confiança do índio e de penetrar no intimo da psyche dele.

Clara está que a maioria dos civilisados, não compreendendo nem precisando de nada disto, nunca chega ao conhecimento deste abismo, dando-se por muito satisfeita com o modus vivendi, e apresentando este muitas vezes orgulhosamente como resultado dos seus processos civilisadores.

O índio hoje vê em qualquer civilisado com que ele depara o seu algoz implacavel e uma fera temivel. E' hoje trabalho perdido querer conquistar a confiança do índio por meio de um tratamento fraternal e justiceiro. Mesmo os actos mais desinteressados ele atribui a motivos sujos, convencidos de que só por uma conveniencia qualquer o civilisado disfarça ocasionalmente a sua natureza de fera. Para mim pessoalmente, acostumado a convivencia intima com os índios das tribus e regiões mais diferentes, a permanencia entre os do Içana e Uaupés foi muitas vezes um verdadeiro martirio, vendo-me sem mais nem menos e com a maior naturalidade tratado como criminoso, perverso e bruto.

Muitos civilisados consideram este tratamento como manifestação de brutalidade innata de raça primitiva, mas basta de observar uma vez o trato que os índios se dão entre si para reconhecer em semelhante explicação uma daquelas calunias com que o « branco » costuma envilecer a sua vitima. Sempre notei com inveja a urbanidade e liberdade com que eram recebidos os índios meus remadores assim que eu entrava com eles numa maloca : o dono da casa os comprimentava na entrada, oferecia-lhes assento e trocava com eles ceremoniosamente as frases de estilo. Para mim ele tinha apenas um olhar cheio de medo e desconfiança depois do qual ele me virava as costas na certeza de não encontrar da parte do « branco » devasso e brutal a menor compreensão para um tratamento cortez. E por isso mais de uma vez, emquanto mulheres e crianças fuguam pelos fundos, o dono da casa, encolhido num canto, deixava a recepção do Branco aos cachorros do terreiro.

Aos meus remadores a dona da casa trazia a panela de quinhapiras, os beijús mas salvo raras excepções e já por aviso dos meus companheiros índios, nunca me convidava, porque se fizessem com qualquer outro, este com certeza reperia com indignação o « desafôro » de ser assim igualado aos índios.

Entre si organisam estes índios periodicamente festas com determinado fim de representarem uns aos outros, que outra cousa não são os chamados « dabacurís », festas inteiramente analogas aos « potlach » dos índios da Alaska e Colombia britanica, na America do Norte.

A mim com excepção de um único caso especial, nunca ofereceram coisa alguma sem exigir pagamento immediato, e mesmo depois de terem me visto pagar durante dias honestamente tudo quanto recebia, ostentavam eles sem o menor recato. A preocupação ia ao ponto deles se negarem redondamente a qualquer trato e negocio comigo, repetindo em resposta de qualquer tentativa de minha parte o seu classico « Aqui não tem nada ».

Destribuia na minha viagem, sempre que chegava, alguns presentes, mas em caso nenhum esta liberalidade minha contribuiu para melhorar as relações antes pelo contrario. Si eu tivesse maltratado os índios, mesmo fisicamente, eles provavelmente pouco caso teriam feito na convicção de que o modo do branco tratar índios é este mesmo. Fazer o índio, porém, um presente é quase sempre o meio mais seguro de afugental-o. Como ele não acredita em actos desinteressados do « branco » para com ele fica logo atemorizado pela ideia, que novos planos ocultos e perfidos aqueles não estejam tramando a respeito de sua pessôa e que despropositos ele não vai exigir mais tarde ainda em troca de tal presente : e evita dahi em deante de aparecer-lhe. Quis tirar a contra-prova disto, e durante a minha visita na aldeia Cururú não dei o minimo presente a ninguem : o desembaraço dos índios deste logar foi notavelmente maior do que dos de Yutica, onde eu adotara ainda a praxe da liberalidade. Só uma familia em Carurú mostrou-se retraida, escondendo-se de mim o mais que possivel : foi aquela com que já me tinha encontrado em viagem no Ayarí, tendolhe feito alguns pequenos presentes por esta ocasião.

A justificação daqueles que pelo seu sistema de violação são os únicos responsaveis por esta situação penosa é sempre mais ou menos a seguinte : o civilizado, porém, depende em seu trabalho do braço do índio é « por natureza preguiçoso » e só trabalha debaixo de um sistema compulsorio. Logo este sistema está justificado, pois o único praticavel está no interesse do Estado.

Cubre-se assim com a bandeira do progresso uma horrenda escravidão cujas consequencias funestas recahem em primeiro logar sobre o índio, naturalmente, em segunda porém, sobre os proprios escravizadores tambem.

Deixando de parte o absurdo que identifica o progresso do Estado com entrada dos dinheiros nos seus cofres (dos quais aliás nada reverte em beneficios da zona em questão), deixando mesmo de parte o doloroso moral em que ficam escravizados e escravizadores, os defensores do sistema compulsorio devido ao menos enxergar que debaixo de tam tratamento o numero dos índios diminue a olhos vistos (v. o capitulo estatistica), deixando prever que mais de 25 anos o numero dos braços indigenas sem os quaes segundo a sua propria confissão nada se faz no Alto Rio Negro, será reduzido a um minimo.

A riqueza do Rio Negro não são para os seus balataes e seringaes ; a verdadeira, e única riqueza desta zona são, nas atuaes circunstancias, estos mesmos

índios julgados apenas prestáveis para serem sacrificados até o último, se preciso for, para o bom êxito da próxima safra.

São eles a única população estável desta região. A pseudo-civilização como a verdadeira se ela um dia chegar, encontra neles o seu melhor apoio sem o qual se torna impossível a penetração. Destruída a população indígena, a zona se transformará num deserto do qual em tempos calculáveis o civilizado nenhum proveito poderá tirar. Zelar pela conservação dos índios, permitindo-lhes uma evolução sosegada e natural, si não fosse antes de tudo um dever moral, seria no Alto Rio Negro, pelo menos um ditame do mais elementar bom senso econômico. O índio de hoje, não admitindo a amizade dos visitantes, impõe a este o papel de negociante.

Comercialmente falando porém, os actuaes são máus, salvo excepções. Entre si eles concluem negócios a crédito, ficando o pagamento muitas vezes para prazos quasi indeterminados, sem que surgisse por isso desconfiança. Para o civilizado porém o menor crédito concedido ao índio torna-se causa de uma serie de inconveniencias.

Com qualquer objeto insignificante pode-se tirar a prova disto : um índio me traz um beijú pedindo com pagamento um pedaço de sabão ; parto uma barra ao meio, dou-lhe uma metade, e ele se declara satisfeito com o preço depois de verificado isto dou-lhe tambem a metade para que ele me mande fazer mais outro beijú igual. Este porém nunca aparece. Eu reclamo -ele se mostra aborrecido. Eu insisto - e ele traz finalmente o beijú, exigindo porém por ele novo pagamento. Nego-o, lembrando-lhe o primeiro, já feito com antecedencia : ele se cala, mas contará á todos que atraz de mim vierem que eu tomei os beijús dele e não os paguei.

Muitos índios já se tornaram dignos de seus mestres, agindo em materia de comercio como perfeitos velhacos : um destes me ofereceu um dia, um galo pedindo pôr ele mercadoria no valor de 5,00 no que eu concordei sem fazer a menor objeção. O índio naturalmente esperava que eu protestasse contra este preço e que ele teria por fim de deixar o animal por muito menos. Arrependeu-se então por não me ter pedido mais, e quando me entregou o galo tratou de convencer-me que não era este o animal que ele tencionava vender-me, e sim outro pelo qual eu teria de pagar muito mais.

Todos os que negociam com índios sabem perfeitamente que, salvo raras excepções, nenhum deles paga voluntariamente o que deve, mas só debaixo de maior ou menor pressão exercida pelo credor. Em vez porém de lhe negar á vista, o comerciante, pelo contrario, trata de arrumar quanto antes uma divida nas costas do índio, já calculando de adquerir desta forma o « direito » de cativar o devedor e de obrigar-o ao pagamento da maneira como o negociante bem entender, ficando o índio assim muitas vezes em condições peores que as do cativo legal, pois não representa para o seu senhor um objeto de valor intrinseco que faz parte da sua fortuna, senão sómente o valor daquela divida.

O maior deferto destes índios existe, ao meu vêr, na sua exagerada mansidão e incapacidade de reagir. Estes homens que dispõem de armas terríveis

como os seus « curabis » envenenados com uirari, jamais se levantam contra os abusos cometidos por pequeno numero de « brancos » no meio deles. Um dos civilizados, entrando numa maloca, pode-se considerar senhor dela, e fazer dos seus habitantes o que quizerem. Esta misera conformidade abre do lado dos índios as portas a todos os abusos, porque o « branco » tem plena certeza de poder comete-los impunemente ; a meia duzia se tanto chegar, de casos de vinganças sangrentas de que a historia do Uaupés dá noticia, (do Içána não conheço nenhum) nada prova contra isto a vista dos inumeraveis crimes de que os índios foram vitimas neste tempo, sem tentar a menor reacção. Os Cobéua e especialmente os Carihóna do Alto Uaupés colombiano tem demonstrado um pouco mais de energia que as tribus do Baixo Uaupés e do Içána ; hoje porém a sua resistencia está aniquilada tambem.

Em geral porém nota-se uma certa diferença favoravel da boca de Papurí para baixo. Isto em conjunto ao fato que em todo o percurso do Uaupés em que este forma a fronteira do Brasil com a Colombia existem na margem brasileira 28 estabelecimentos de índios e só 6 na margem colombiana, é suficiente para provar que a maioria soma de culpas nos crimes cometidos contra os indigenas desta região cabe aos colombianos. Com isto não quero absolutamente izentar os Brasileiros de toda culpa, mas venho constatar sómente que o índio prefere-os aos colombianos como a menor de duas calamidades. De fato se entre os brasileiros que estão em contacto com os índios ha negociantes desabudados e sem escrupulos, a população chamada « civilizada » de alem fronteira compõe-se em grande parte de individuos qualificaveis como a escória da nação colombiana, falhos de sentimentos de moral e justiça e que só não são peores ainda porque lhos falta visivelmente o arrojo e a disposição dos Brasileiros. Tive de notar por diversas vezes que debaixo da sua apparencia pretenciosa e brutal se escondia um carater covarde e desconfiado. A passagem desta gente pelas malocas, mesmo na margem brasileira, toma ás vezes o carater de um verdadeiro assalto de bandidos quando eles, armados até os dentes e debaixo de tiros, invadem as moradas, para « sacar índios ». Estes, atemorizados, não oferecem a menor resistencia, como já ficou dito. O abuso presenta-se então desafortadamente : não respeitam nem propriedade nem pessoa. As femeas desde a menina impubere até a mulher casada lhes pertencem, e com a arma em punho sofocam qualquer protesto do pae ou do marido. Roubam o que lhes parece aproveitavel e embarcam nas suas canôas debaixo de pancadas aqueles homens que lhes devem trabalho. As vezes carregam meninas e mulheres tambem enfastiados delas, abandonam-as depois em qualquer ponto da margem.

Constantemente os índios me apontaram as vitimas destas invasões, indicando-me como o mais afamado entre os criminosos desta especie o colombiano Luyz Veyes ; o cearense João Lima, caxeiro de Antonio Maia em Yutica, tambem me foi denunciado, dizem porém que ele ultimamente está mais moderado. Se porém o índio á aproximação dos seus algozes fugir estes se gingam com a destruição de todo a sua já não pequena propriedade e o incendio da maloca. Assim o fez por exemplo o ex-prefeito Arsenio do Baixo Uaupés.

Creio que não preciso entrar em mais detalhes para evidenciar que a culpa pelo deploravel estado moral em que se encontra a presente geração dos índios cabe exclusivamente aos civilisados.

#### IV

##### A AÇÃO DO S. P. I<sup>1</sup>.

Depois do acima exposto está evidente a necessidade urgente de uma ação decisiva do S. P. I. naquela zona. A questão não é porém o que se devia fazer mas o que se podia fazer nas atuais circunstancias. A ação do S. P. I. aqui como em muitas partes afastadas torna-se quasi illusoria devido a escassez das verbas de um, e pela falta de pessoal idoneo de outro lado, elementos indispensaveis para uma ação decisiva numa zona tão distante e de tão difficil acesso.

De maneira algum o cargo de Delegado geral desta zona devia ser confiada a um dos moradores civilisados atualmente estabelecidos no Municipio de São Gabriel. Duvido que exista no meio deles um único amigo dedicado dos índios capaz de colocar os interesses destes acima dos seus lucros particulares e das suas boas relações pessoas na zona. Muitos deles fazem até grande empenho de serem nomeados delegados do S. P. I. na convicção de que este cargo entregalhe nas mãos a ambicionada posse dos índios, esforçando-os ao mesmo tempo de proceder contra qualquer outro que lhes queira disputar esta posse. Os poucos civilisados que nesta região se encontram são ou foram negociantes e balateiros e como taes viciados no sistema compulsorio acima estigmatizado. Creio que no Alto Rio Negro não existe uma única delegação em que o índio não precisava da intervenção do S. P. I. para protegelo contra o seu proprio delegado. Gente de outra profissão porém não existe, e se para lá fosse, não se aguentaria. Desta maneira a ação do S. P. I. ha de ser sempre deficiente, e a execução do regulamento incompleta e exposta a duras criticas. Assim mesmo não resta a menor dúvida de que um delegado, por máu que ele seja, sempre constitue ainda sob certos pontos de vista um beneficio para o índio porque lembra ao menos os perseguidores dos mesmos a existencia de uma autoridade protetora dos indigenas. No mais, o delegado, monopolisando a exploração dos seus índios ao menos evita que estes estejam expostos á exploração de todo o mundo. Com taes dilemas escandalosos e absurdos o S. P. I. é obrigado de contar no alto Rio Negro nas suas condições actuaes de falta dos recursos e de pessoas idoneos.

Enquanto acho inteiramente superfluos os delegados nomeados para os caboclos civilisados, moradores da margem do Rio Negro, creio que Yauareté-Cachoeira no Uaupés seja o ponto que carece com a maior urgencia de um estabelecimento definitivo do S. P. I. pelos motivos seguintes : 1. Por causa do posto aduaneiro colombiano que lhes fica defronte, pela outra margem da

1. Serviço de Proteção aos Índios.  
*Société des Américanistes*, 1950.

boca do Rio Papurí. É preciso contrabalançar com urgencia este estabelecimento para evitar que a presença dos colombianos alí cause o abandono da zona pelos indigenas, ficando ela deserta com já o é a margem colombiana.

2. Porque a região de Yauareté é a mais povoada por índios de todo Uaupés. Só da nação Tariána existem alí 14 habitantes, entre os quaes Yauareté, com 51, em menos de meio kilometro abaixo. Arapaço-Ponta com 48 cabeças, montando o numero total dos Tariána (não contando os da região de Ipanoré) em 279. Forá disto existe ha um dia de viagem rio acima o povoado Umarí-Cachoeira dos Uçá-Tapuya com 44 habitantes, e outros menores. Se deixasse os Colombianos procederem impunemente em Yauareté como eles tem procedido em outra parte, bem depressa nada mais restaria desta população.

3. Os obstaculos formados pelas cachoeiras do Alto Uaupés, da Arára-Cachoeira para cima, tornam inconveniente a fundação de um estabelecimento de maior vulto acima de Yauareté, visto como a sua manutenção se tornaria difficil, demorada o dispendiosa. Já bastam formidaveis cachoeiras do Ipanoré que dificultam bastante a chegada em Yauareté.

4. E preciso erigir uma barreira contra a intolerancia religiosa dos missionarios Salesianos oprimindo em toda parte as manifestações exteriores da cultura indigena. A regeneração do índio jamais se efetuará pelos pendurucalhos da chamada « civilização cristã » mas só pelo reerguimento da sua confiança nas instituições da sua propria cultura. Os Salesianos reconheceram imediatamente a importancia de Yauareté para o problema indigena do Uaupés, e projetam a fundação de uma outra missão naquele lugar : é preciso tomar-lhe a dianteira.

O delegado de Ipanoré deve ser um homem inteiramente independente do meio em que ele age, e que não carece de favores nem dos negocios da zona com os quaes tem de romper mais cedo ou mais tarde, e nem dos padres missionarios. A presença de um homem que vive na penuria, sem poder cumprir os seus compromissos com os índios, que anda de braço dado com aqueles contra os quaes ele devia proceder porque é deles que depende, é materialmente contra producente.

Si o S. P. I. não dispuzer dos necessarios recursos para manter condignamente o seu representante em Yauareté, melhor seria desistir da tarefa e entregar o ponto aos Salesianos que preenchem magnificamente estas condições.

Outra providencia que se impõe com maior urgencia que a fundação de um estabelecimento de maior culto em Yauareté, seria a fiscalisação do Alto Uaupés e do Ayarí-Içána, especialmente da região compreendida entre os povoados de Yutica, Carurú, Uapui-Cachoeira e os sítios dos Yiboya-Tapuya do Alto Ayarí. Este último rio constitue o refugio natural dos Cobéua do Querarí quando acossados pelos colombianos. Já mudou-se para lá todo o clan dos Yibóya-Tapuya com excepção de uma única maloca, vivendo agora tranquilamente no Ayarí. É preciso que eles não sejam tambem perseguidos pelos cobradores de contas arrumadas com os índios já caraterisados. Há nesta zona um homem altamente inconveniente e prejudicial aos índios : o negociante

Antonio Maia estabelecido em Yutica, socio do famigerado peruano Julio Cesar Barreto e encarregado por este da cobrança das dividas que deixou atraz quando teve de abandonar o territorio brasileiro em consequencia dos seus numerosos crimes. A venda de cachaça dentro de uma aldeia de índios já constitue por si tamanho despropósito que justifica todos os esforços da parte do S. P. I. para livrar os Uanána de tão prejudicial intruso. Este Antonio Maia que aliás não me parece de bom senso, foi ultimamente nomeado autoridade policial do Alto Rio Uaupés, de Yauareté ao Querarí, e é facil imaginar que applicação ele dera a este poder. Ele rompeu agora por questões de dividas com os balateiros colombianos no Alto Uaupés uma hostilidade que talvez traz algum bem para os índios porque os colombianos de medo do Maia que é conhecido com valentão limitaram talvez um pouco os seus abusos. Creio, porém que não tardará muito que as duas partes se hão de unir novamente sobre a base do interesse comum da exploração do índio.

A pessoa encarregada da fiscalisação do Alto Uaupés deve contar com a eventualidade de uma situação em que outra cousa nao lhe resta senão ficar desmoralizado ou defender os direitos dos índios com arma em punho.

Ninguem espera uma realização de direito naquelas alturas por intermedio das autoridades se estas são da força de Antonio Maia e seus semelhantes. Enquanto não se pegar em daqueles bandidos do Alto Uaupés em flagrante delito, applicando-lhe um castigo exemplar, a situação do índio e o prestigio do S. P. I. difficilmente se levantarão. Uma única represalia ilegal de certo mas sobejamente justificada, aproveitaria aos índios da região mais que todos os papeis gastos nestes assuntos por mim e per outros.

## V

### A MISSÃO SALESIANA.

A attitude pouco civil do diretor da missão de Taracuí não me deixou colher as observações necessarias para apreciar as particularidades deste estabelecimento. Tanto em Taracuí como em São Gabriel notei que os missionarios já se julgam senhores absolutos da situação.

Não resta, porém, a menor dúvida que a missão traz um grande número de beneficios para os índios, e que das quatro calamidades que pezam sobre eles : colombianos, negociantes brasileiros, delegados egoistas e missionarios intolerantes, estes últimos sejam ainda mais facilmente suportaveis : porque o índio na missão não esta debaixo de tiranos mas sómente de tutores. Não me consta que os Salesianos jamais tivessem empregado violencia contra os índios : basta este facto destaca-los daqueles outros tres elementos. Os Salesianos, pelo contrario, tem libertado com notavel arrojo índios « sacados » a força das mãos dos opressores. Os missionarios pagam aos índios pelos generos e serviços que eles fornecem pelo menos e melhor que os outros negociantes e patrões, tanto que nunca lhes faltam braços, queixando-se os negociantes ja

amargamente que nas visinhanças da missão hoje se torna difícil a cobrança pela taxa antiga, porque o índio constantemente se defende, dizendo que os generos eram para os padres, o que eles não alegariam se o negociante pagassem melhor que aquele. Já é voz corrente que a missão prejudica gravemente o commercio do municipio pela preferencia que o índio dá ás transações com os religiosos e pela restrição do « direito » de sacar índios, accusação esta que só pode honrar os missionarios. Junte-se a isso o ensino primario e profissional e a assistencia medica que eles fornecem aos índios gratuitamente, forçoso é reconhecer que numa zona onde o índio só recebe ultrajes de todos a Missão Salesiana representa enorme vantagem para este.

Prejudicado é o índio pelo missionario especialmente devido a comprovada incapacidade deste de compreender e fazer justiça a uma cultura qualquer que não seja a presenta cultura cristã. A intolerancia inerente ao seu officio que os obriga a ver em cada índio um objeto de conversão religiosa, incompatibiliza-os com o cargo de protetor da individualidade indigena. A publicação do Mon-senhor Pedro Massa : « Missão Salesiana no Amazonas », é a mais eclatante prova do pouco conhecimento que estes religiosos possuem da cultura indigena. Nos esboços historicos e etnologicos encontra-se um espantoso número de erros dos mais grosseiros. As estampas para a illustração da cultura material dos índios, tiradas aliás sem indicação do autor na sua maioria da obra de Koch-Gruenberg « Zwei Jahre unter der Indianern », provocam a hilaridade do entendido pelos seus titulos : os chocalos de caroços de pequiá, figuram como colares de dentes de macaco ; um escudo como « peneira », etc. O índio no seu estado de cultura primitiva causa-lhes medo e nojo. Um salesiano pernoitando a primeira vez numa maloca daqueles índios tão desgraçadamente pacificos do rio Tiquié, escreve : « ... senti algum temor de ver-me só no meio daquela gente, na escuridão da noite. Os meus companheiros de viagem dormiam bastante, mas eu velava e o menor movimento na maloca não me passava despercebido. »

De um outro que num naufragio perdeu as suas provisões diz o mesmo livro : « o heroico salesiano estava de cocoras e fazia camaradagem com os pobres indigenas, servindo-se daquela nauseante refeição servida numa vasilha comum. »

A ignorancia e o desprezo do missionario pela cultura intelectual do índio é uma das causas do fracasso da conversão deste. O índio pede o batismo, isto é pura verdade, mas não porque comprehendesse o alcance desse simbolo cristão, mas porque vê nele um acto magico de grande eficiencia, tanto que ele já fica satisfeito si qualquer leigo o executo, sendo numerosos os casos em que nesta viagem pediram a mim o batismo, mesmo na zona já percorrida pelos padres. A ansia destas pobres almas pelo batismo não é portanto um fenomeno tão edificante como os missionarios querem fazer crer.

Milhares e milhares de religiosos doutrinaram durante tres séculos a população de Belem ; há tempos desapareceram dos arredores da capital os últimos índios da região. Mas antes de morrer eles legaram aos mestisos, seus sucessores, o pagé, que, de maracá em punho, ainda hoje, dentro da capital, resiste

com vantagem contra o padre e o agente de policia. Mais de um século de catequese e desmoralização sistemática não tirou do coração do caboclo do alto rio Negro a devoção do seu culto ao Koai-Yuruparí. Em Taracúa o resultado será uma geração de hipocritas.

A superioridade social e a preponderancia economica da missão contribuíram mais do que a doutrina para criar um ambiente de hipocrisia. Em São Gabriel vi um negociante turco « convertido » e ateus que ia à missa ! Entre as imposições de ordem material dos missionarios é uma das primeiras aquela de abandonar a maloca com habitação e formar povoados de casinhas para uma familia arranjadas em ruas, com aspecto moderno. Infelizmente, tem sido isso o ideal de muita gente boa do S. P. I., como provam as plantas dos nucleos indigenas, fabricadas no Rio, sem o menor conhecimento e respeito aos habitats e condições sociais dos seus futuros habitantes. No em tanto, a maloca é uma das mais importantes características instituições da cultura indigena. Alega-se que as malocas, devido a sua construção sem janelas, sejam prejudiciais à saúde, e pela convivencia intima de diversas familias debaixo do mesmo teto, prejudicial à moral. Nem tanto ; numa maloca de estilo antigo de seus 20 × 30 metros com 8 metros de altura o numero de metros cubicos de ar que cabe a cada habitante é mais que suficiente, e apesar da falta de janelas que alias tambem nas casinhas modernas são de um tamanho ridiculo, a ventilação não é má devido às duas grandes portas e a altura consideravel. As malocas são em geral muito bem construidas e suas cobertas oferecem inteira garantia contra o mais violento aguaceiro ; o chão é enxuto e limpo, e de tarde reina em sua penumbra uma frescura agradável. As casinhas modernas, pelo contrario, são as mais das vezes quentes e mal acabadas. Quanto ao prejuizo que a convivencia de diversas familias na maloca, dizem acarretar é simplesmente falso ; devido a rigorosa exogamia não existem relações amorosas entre os filhos da mesma maloca ; no mais, as prostitutas das nossas cidades, p. exemplo vivem em cubiculos muito bem separados, mas por isso são mais moralisadas que as índias das malocas. O principal motivo, porém, de aversão do missionario contra a habitação coletiva é outro. É que ele ve nela, e com toda a razão, o simbolo, o verdadeiro baluarte daquela organização e tradição primitivas, daquela cultura pagã, que tanto contraria os seus planos de conversão e dominio espiritual e social. A comunidade da maloca é a unidade da primitiva organização semi-comunista desta tribu. Levantadas pelos esforços conjugados de todos seus habitantes, todos estes tem parte na sua posse, sujeitos porém á direção patriarcal de um tucháua. Devido o parentesco de sangue e a estreita convivencia o laço que une esta comunidade é muito forte. A arquitetura da maloca está inteiramente de acordo com o primitivo sistema familiar e social. Ela se divide em cinco zonas : duas (uma de cada lado) pertencem as diversas familias que nela fazem os seus compartimentos, duas aos trabalhos comuns e o espaço grande do meio às cerimoniaes publicas, religiosas ou profanas. Na maloca condensa-se a cultura própria do indio ; ali tudo respira tradição e independencia e é por isso que elas tem de cair. A aglome-

ração dos indigenas em nucleos artificiais de dimensões as maiores possiveis, facilita a fiscalização, mas é condenavel porque tais nucleos não passam enfim de matadouros disfarçados. Já nas celebradas missões jesuitas da Amazonia nos séculos XVII e XVIII, a mortalidade era espantosa ; constantemente tornaram-se precisos novos « descimentos » para evitar que as aldeias ficassem desertas. Mas tres séculos de erros funestos não foram ainda suficientes para abrir os olhos a estes civilizadores de índios. Ainda hoje o ideal de todos eles é um grande povoado indigena de aspecto moderno, com um vasto internato paras as crianças dos índios, tudo colocado num ponto que garanta um rapido desenvolvimento comercial e industrial. Passada uma geração constata-se então, diante da povoação deserta e do cemiterio repleto, que a missão preencheu ao menos o seu último fim, pois morreram todos como bons catolicos, confessando-se e recebendo a extreme unção. Os índios do Uaupés possuem por si (e não pelo esforço dos antigos missionarios, como por aí se quer fazer crer) uma cultura bastante desenvolvida, a o ponto de eles precisarem, afora das ferramentas, muito pouco da civilização moderna. Si não fossem a casa instante roubados, ele viveriam não só fartamente como exportariam ainda mantimentos ; eles são economicamente muito diferentes de certos outros índios que a fome e a miseria obrigam a procurar um patrão civilizado que lhe dê que comer. Mas o que estes índios precisavam com a maior urgencia seria um regeneração moral pelo reerguimento da sua consciencia individual e racial, sentimentos estes que foram espezinhadados pelos civilizados, até se apagar a sua ultima centelha. A tutela das missões jamais produziu um parte alguma este efeito, antes pelo contrario.

O índio antes de provar os beneficios da civilização moderna possuia estes sentimentos ; eles caíram com os esteios de sua maloca. Para lhes restituir o que lhes foi roubado seria preciso coloca-lo novamente sobre a base da sua cultura propria e deixa-lo evoluir em paz durante algumas gerações.

Belem do Pará, 27 de Setembro de 1927.

---